

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Enfermagem
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem



Tese

**Representações sociais de homens autores de violência sobre ser homem e
ser mulher**

Duilia Sadrês Carvalho Lemos

Pelotas, 2024

Duilia Sadrês Carvalho Lemos

Representações sociais de homens autores de violência sobre ser homem e ser mulher

Tese apresentada a Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de doutora em Ciências. Área de concentração: Práticas Sociais em Enfermagem e Saúde. Linha de pesquisa saúde mental e coletiva, processo do trabalho, gestão e educação em enfermagem e saúde.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Michele Mandagará de Oliveira

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Aline Accorssi

Pelotas, 2024

Duilia Sadrês Carvalho Lemos

Representações sociais de homens autores de violência sobre ser homem e ser mulher

Tese aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Ciências. Programa de Pós-Graduação Enfermagem, Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 25 de julho de 2024.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Michele Mandagará de Oliveira (Orientadora)

Doutor(a) em Saúde Pública em pela Universidade USP Escola de enfermagem de Ribeirão Preto EERP

Prof.^a Dr.^a Aline Accorssi (Coorientadora)

Doutor(a) em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Convidados Internos:

Prof(a). Dr(a). Ariane da Cruz Guedes

Doutor(a) em enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS.

Prof(a). Dr(a). Valéria Cristina Christello Coimbra

Doutor(a) em Saúde Mental pela Universidade USP. Escola de enfermagem de Ribeirão Preto EERP.

Convidados Externos:

Prof(a). Dr(a). Alexandra Bittencourt Madureira

Doutor(a) em Enfermagem pela Universidade Federal do Paraná.

Prof(a). Dr(a). Cleuma Sueli Santos Suto

Doutor(a) em Enfermagem pela Universidade Federal da Bahia.

Agradecimentos

Agradeço inicialmente a Deus por toda essa trajetória que Ele me permitiu viver. Agradeço ao conhecimento adquirido, as trocas riquíssimas e as pessoas que cruzaram meu caminho.

A minha família, em especial ao meu esposo Everton que sempre me incentivou nessa caminhada de estudos, nos dias sombrios esteve ao meu lado, me deu suporte e cuidou de nossos amores (Heitor e Davi).

Aos meus filhos, Heitor e Davi. Queridos, esse trabalho é por vocês e para vocês. Vocês me inspiram sonhar com uma sociedade igualitária e mais justa para todas as mulheres e homens.

Aos meus pais, por todo investimento em estudo que realizaram ao longo de minha vida. Mas além disso, agradeço por serem abrigo e por sempre me incentivarem a sonhar com a segurança de ter para onde voltar.

As segundas mães dos meus filhos que cuidaram deles com todo apreço para que eu pudesse sentar por horas e horas na produção desse trabalho. Em especial, obrigada Greice, Paula e Valéria.

Agradeço as minhas “parceiras de mudanças” pelo apoio em oração e incentivo, em todo tempo estiveram ao meu lado. Obrigada gurias pelo apoio nas batalhas: Bruna, Isa, Ina, Kathellen e Gabi.

Meu obrigada para minha coordenadora de curso, professora Cynthia Yurgel que não mediu esforços para que eu pudesse cumprir todas as demandas da construção dessa tese.

A equipe do NACA – em especial à Cintia Chagas pelo apoio em todo tempo e disponibilidade no acesso e trocas sobre o trabalho com os HAV. Agradeço também à Gisele por ter me incentivado nessa trajetória de estudos.

A querida Michele, uma inspiração. Pessoa humana e empática. Foi a partir do teu jeito de pensar e fazer pesquisa que cheguei até aqui. Agradeço a minha coorientadora Aline por todo cuidado e atenção a mim e a esta tese. Obrigada Aline por toda parceria nos momentos que passamos juntas.

Ao grupo de estudo de Saúde Mental pelas trocas e por todo aprendizado. A professora Luciane Kantorski por não desistir de fazer desse mundo um lugar melhor. Em especial agradeço a Lieni e Taís pela parceria de trabalho e trocas.

Agradeço ao programa de pós-graduação da Faculdade de Enfermagem por me acolher como filha da “casa” e pelas oportunidades de crescimento.

As membras da banca pelo tempo dedicado na leitura e por se disporem ao engrandecimento dessa tese.

À CAPES, por ter me concedido bolsa de estudo durante todo Mestrado e Doutorado propiciando mais dedicação aos estudos.

Agradeço aos participantes da pesquisa por dividirem seus relatos comigo.

Resumo

LEMOS, Duília Sedrês Carvalho. **Representações sociais de homens autores de violência sobre ser homem e ser mulher.** Orientadora Michele Mandagará de Oliveira. 2024.— 93fls. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) - Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

A violência faz parte das construções da sociedade e atinge a todos (as) que a vivenciam tanto diretamente como enquanto espectadores. As atitudes de violência podem apresentar-se de várias formas: negligência, desprezo, violência física, sexual, psicológica e originalmente não é um problema de saúde, mas, torna-se por gerar danos importantes à construção dos sujeitos. A violência contra mulheres é considerada como um problema de saúde pública, por apresentar alta prevalência e por seus efeitos atingirem a todas as envolvidas e ao contexto na qual estão inseridas. Os homens autores de violência fazem parte desse problema e inúmeros trabalhos tem mostrado a necessidade de aprofundar os estudos sobre esses homens no intuito de pensar estratégias no trabalho da violência contra mulher. Compreender a construção social destes homens, de suas masculinidades e da forma como expressam suas percepções torna-se fundamental para nos apontar caminhos para desarticular e diminuir os impactos devastadores da violência doméstica. Para estudo desse fenômeno optou-se pela utilização da Teoria das Representações Sociais na perspectiva da abordagem processual com o objetivo de apreender as representações sociais de HAV do que é ser homem, ser mulher e sobre violência. Além de aproximar-se de como essas representações influenciam na manutenção das atitudes violentas praticadas por esses homens. Trata-se de uma pesquisa qualitativa realizada em uma cidade do Sul do Rio Grande do Sul com homens autores de violência que concluíram a participação em grupos reflexivos. Utilizou-se entrevista semiestruturada e o diário de campo como técnicas de coleta e os dados foram analisados a partir de Bardin. Os dados foram coletados em dois momentos (agosto/19 e janeiro/24) e o projeto foi autorizado pelo comitê de ética pelo parecer nº6.585.773. Como principais resultados encontrou-se: a maior parte dos homens continuam com as companheiras, utilizaram ou utilizam substâncias psicoativas (álcool e maconha), possuem baixa escolaridade e vivenciaram alguma forma de violência na sua infância. Como ser homem os participantes representam que ser homem é prover, cuidar/ controlar. Ser mulher é ser mãe, ser disponível e não incomodar. Além destes, os homens autores de violência justificam suas práticas de violência pelas atitudes das mulheres e possuem expectativas polarizadas sobre os comportamentos das companheiras. Conclui-se dessa forma que o estudo foi capaz de atender aos objetivos iniciais e apresentar componentes que podem auxiliar na capacitação de profissionais no trabalho em comunidades e grupos específicos de homens autores ou não de violência.

Palavras chaves: Representação Social; Homem autor de violência; Violência contra mulher; Cuidado em saúde.

Abstract

LEMOS, Duília Sadrês Carvalho. **Social representations of male perpetrators of violence about being a man and being a woman.** Advisor Michele Mandagará de Oliveira. 2024.—93 fls. Thesis (PhD in Health Sciences) - Faculty of Nursing, Federal University of Pelotas, 2024.

Violence is part of the constructions of society and affects all (as) who experience it both directly and as spectators. The attitudes of violence can be presented in several forms: neglect, contempt, physical, sexual, psychological and originally is not a health problem, but becomes by generating significant damage to the construction of the subjects. Violence against women (VCM) is considered a public health problem, because it has a high prevalence and its effects affect all those involved and the context in which they are inserted. Men who commit violence are part of this problem and numerous studies have shown the need to deepen the studies on these men in order to think strategies for working with MVC. Understanding the social construction of these men, their masculinity and the way they express their perceptions becomes fundamental to point out ways to disarticulate and reduce the devastating impacts of domestic violence. To study this phenomenon, we opted for the use of the Theory of Social Representations (TRS) in the perspective of the procedural approach with the objective of knowing the representations of men perpetrators of violence (HAV) about being male, being female and about violence. Besides approaching how these representations influence the maintenance of violent attitudes practiced by these men. This is a qualitative research conducted in a city of the South of Rio Grande do Sul with HAV that concluded participation in reflective groups. Semi-structured interview and field diary were used as collection techniques and data were analyzed from Bardin. The data were collected in two moments (August/19 and January/24) and the project was authorized by the ethics committee by the opinion no6.585.773. The main results were: most of the HAV continue with their partners, used or use psychoactive substances (alcohol and marijuana), have low education and experienced some form of violence in their childhood. How to be man the participants represent that being man is to provide, care/ control. Being woman is to be mother, be available and not bother. In addition, the HAV justify their violence practices by women's attitudes and have polarized expectations about the behavior of the female partners. It is concluded that the study was able to meet the initial objectives and present components that can help in the training of professionals in work in communities and specific groups of men perpetrators or non-violence.

Key words: TRS; Man who commits violence; Violence against women; health care.

Resumen

LEMOS, Duília Sedrês Carvalho. **Representaciones sociales de los hombres perpetradores de violencia sobre el ser hombre y ser mujer.** Asesor Michele Mandagará de Oliveira.2024.—93fls. Tesis (Doctorado en Ciencias de la Salud) - Facultad de Enfermería, Universidad Federal de Pelotas, 2024.

La violencia es parte de las construcciones de la sociedad y afecta a todos (as) que la experimentan tanto directamente como como espectadores. Las actitudes de violencia pueden presentarse en varias formas: negligencia, desprecio, violencia física, sexual, psicológica y originalmente no es un problema de salud, pero se convierte en generar daños importantes a la construcción de los sujetos. La violencia contra las mujeres (VCM) es considerada como un problema de salud pública, por presentar alta prevalencia y por sus efectos que afectan a todas las personas involucradas y al contexto en el cual están insertadas. Los hombres autores de violencia forman parte de este problema y numerosos trabajos han mostrado la necesidad de profundizar los estudios sobre estos hombres con el fin de pensar estrategias en el trabajo con la VCM. Comprender la construcción social de estos hombres, sus masculinidades y la forma en que expresan sus percepciones se convierte en fundamental para señalarnos caminos para desarticular y disminuir los impactos devastadores de la violencia doméstica. Para estudiar este fenómeno se optó por la utilización de la Teoría de las Representaciones Sociales (TRS) en la perspectiva del enfoque procesal con el objetivo de conocer las representaciones de hombres autores de violencia (HAV) sobre ser hombre, ser mujer y sobre violencia. Además de acercarse a cómo estas representaciones influyen en el mantenimiento de las actitudes violentas practicadas por estos hombres. Se trata de una investigación cualitativa realizada en una ciudad del sur de Rio Grande do Sul con HAV que concluyeron la participación en grupos reflexivos. Se utilizó entrevista semiestructurada y el diario de campo como técnicas de recogida y los datos fueron analizados desde Bardin. Los datos fueron recogidos en dos momentos (agosto/19 y enero/24) y el proyecto fue autorizado por el comité de ética por el dictamen no6.585.773. Como principales resultados encontramos: la mayor parte de los HAV continúan con las compañeras, utilizaron o utilizan sustancias psicoactivas (alcohol y marihuana), tienen baja escolaridad y experimentaron alguna forma de violencia en su infancia. Como ser hombre los participantes representan que ser hombre es proveer, cuidar/ controlar. Ser mujer es ser madre, estar disponible y no molestar. Además de estos, los HAV justifican sus prácticas de violencia por las actitudes de las mujeres y tienen expectativas polarizadas sobre los comportamientos de las compañeras. Se concluye de esta manera que el estudio fue capaz de cumplir los objetivos iniciales y presentar componentes que pueden ayudar en la capacitación de profesionales en el trabajo en comunidades y grupos específicos de hombres autores o no de violencia.

Palabras clave: TRS; Hombre que comete violencia; La violencia contra las mujeres; cuidado de la salud.

Lista de Figuras

Figura 1	Síntese de leis e eventos sobre violência de gênero e o feminismo.....	33
Figura 2	Explicação da construção de representações sociais.....	38
Figura 3	Fluxograma da execução de coleta	45
Figura 4	Representação da análise dos dados.....	48
Figura 5	Identificação dos participantes.....	51

Lista de Abreviaturas e Siglas

APA	<i>American Psychological Association</i>
HAV	Homens Autores de Violência
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
LILACS	Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
LMP	Lei Maria da Penha
NACA	Núcleo de Atenção à Criança e ao Adolescente
OMS	Organização Mundial da Saúde
PubMed	<i>National Library of Medicine</i>
SNPM	Secretaria Nacional de Política para as Mulheres
TRS	Teoria das representações sociais
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
VCM	Violência contra a mulher
VDCM	Violência doméstica contra a mulher

Sumário

1 Introdução	16
2 Tese	22
3 Objetivo geral	23
3.1 Objetivos específicos:.....	23
4 Revisão de literatura	24
4.1 Violência contra as mulheres	24
4.2 Homens autores de violência e o machismo	27
4.3 Violência de gênero e o patriarcado	31
5 Referencial Teórico	37
6 Metodologia	44
6.1 Caracterização da pesquisa	44
6.2 Cenário da pesquisa	45
6.3 Participantes da pesquisa	46
6.4 Critérios para a inclusão e exclusão dos participantes.....	46
6.5 Coleta de dados	47
6.6 Princípios éticos e legais	47
6.7 Análise dos dados	48
6.8 Divulgação dos resultados	49
7 Resultados e discussão	50
7.1 Quem são os HAV entrevistados e suas histórias com as violências	50
7.2 O que é ser homem e o que é ser mulher para os HAV	59
7.2.1 “ <i>Eu sou homem por que sustento</i> ”	59
7.2.2 “ <i>Eu sou homem por que protejo</i> ”	62
7.3 E o que é ser mulher?	64
8 Considerações Finais	70
Referências	73
Apêndices	82
Anexo	88

Apresentação

Conclui a graduação em Psicologia no ano de 2011 pela Universidade Católica de Pelotas, durante esse período realizei os atendimentos a partir dos estágios curriculares e extracurriculares em Unidades Básicas de Saúde, Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), Hospital e também na clínica Psicológica. Nos atendimentos clínicos realizados tive contato com várias histórias de vida de mulheres que vinham em busca de ajuda em função do abuso de substâncias psicoativas por parte de seus filhos ou companheiros. Aos poucos as questões relacionadas as famílias e seus atravessamentos foi sendo meu objeto de estudo.

No ano de 2014 comecei a trabalhar na coordenação do Centro Pop – Centro de Referência Especializado para pessoas em Situação de Rua, nessa oportunidade as inquietudes relacionadas à complexidade das relações, ao rompimento de vínculos familiares e as violências tanto intrafamiliares como do Estado me levaram a busca por mais estudos acerca da temática.

Ainda no ano de 2014, comecei a trabalhar no NACA – Núcleo de Atenção à Criança e ao Adolescente, em Pelotas. Inicialmente realizando o acolhimento das famílias que tinham sido encaminhadas ao serviço fazendo escuta e organização de plano terapêutico. O NACA naquele mesmo ano, participou de uma seleção para a realização de um projeto que seria realizado com Homens Autores de Violência contra a mulher, foram realizados grupos de estudo sobre a temática e também recebemos naquele evento a psicóloga Ivete Vargas que coordenava e estudava os grupos reflexivos para homens autores de violência. Essa proposta de intervenção junto aos HAV operacionaliza o que está previsto na Lei Maria da Penha no artigo 35 (BRASIL, 2006).

No ano de 2015 realizei alguns cursos e formações complementares acerca da temática do uso de substâncias psicoativas (SPA), foi meu primeiro contato com possibilidades dentro da Pós-Graduação e também com possibilidade de cuidado multiprofissional as pessoas que usam drogas e com a redução de danos. Naquele mesmo ano, fiz um curso sobre o atendimento de famílias com usuários de substâncias e então realizei leituras sobre os funcionamentos familiares, co-dependência, uso recreativo de SPA'S e a importância do manejo e acolhida do profissional ao familiar e ao usuário.

No final do ano de 2015, participei de um evento na cidade de Pelotas, em função de trabalhar com as pessoas em situação de rua e conheci a professora Michele Mandagará de Oliveira, naquela ocasião foram apresentados os trabalhos científicos realizados pelo grupo de pesquisa sob a coordenação e orientação da professora Michele, fui buscando mais informações sobre o grupo e também buscando aproximação a temática e aos encontros realizados.

Quando cheguei à Pós-graduação em 2018 foi pelo desejo de estudar e escrever sobre o projeto: “violência por parceiros íntimos: histórias que devemos escutar”, projeto que advém de um movimento que houve na cidade de Pelotas, a partir do Conselho Municipal da Mulher que tinha como objetivo que pudéssemos, nós profissionais de saúde mental e assistência social ter um espaço de escuta e ressignificação para os homens autores de violência. Esse desejo veio das mulheres que participavam de grupos e que queriam relações igualitárias e respeitadas com aqueles homens.

Durante o primeiro ano de Mestrado participei das disciplinas e de alguns eventos científicos, apresentei um relato de experiência em resumo expandido na Universidade Estadual de Londrina e lá pude buscar aproximação com alguns pesquisadores da temática de gênero e violência.

Na construção do projeto de mestrado iniciamos a aproximação com a teoria das representações sociais (TRS), as primeiras leituras foram a partir do professor Romeu Gomes posteriormente livros do professor Pedrinho Guareschi. Então iniciamos no grupo de pesquisa encontros para exposição e discussão de textos sobre TRS e as leituras de Serge Moscovici.

Na apresentação do projeto à banca de qualificação foi oportunizado e sugerido a busca junto ao programa de pós-graduação por um processo de mudança de nível, que em poucas palavras, pode ser definido como um momento em que o(a) estudante de pós-graduação poderá elevar seu nível de estudo em função do projeto e trajetória acadêmica. Buscamos, minha orientadora e eu, por todos os trâmites, documentos, bancas e demais processos para efetivar a então “mudança de nível”. Assim, em fevereiro de 2020 realizamos a apresentação da defesa de mestrado intitulada: “Homens autores de violência e a representação social sobre a participação em grupos reflexivos” e no mês de março do mesmo ano iniciei o Doutorado. Entrevistamos 13 HAV que tinham concluído os grupos reflexivos no NACA e dentro da entrevista foram realizados quatro blocos temáticos, analisamos um dos blocos no

mestrado e os demais constituíram os dados apresentados na minha Tese. Além de, umas coletas complementares a partir de diário de campo junto aos prontuários desses mesmos homens entrevistados anteriormente foram analisadas na Tese.

A aproximação e o estudo da TRS oportunizaram contato com pesquisadores de outras regiões do país, participação em eventos científicos e aprofundamento nas leituras. Os resultados da minha pesquisa de mestrado levantaram muitas inquietações, na identificação dos participantes podemos observar que das 13 entrevistas 8 faziam o uso de álcool, nenhum deles declarou ter bom relacionamento com o pai e a maior parte sofreu algum tipo de violência na infância. A questão do abandono dos estudos ainda no ensino fundamental e a evidência apresentada de que essa perda de convívio e construção social causa danos na socialização de modo geral. E o que mais chamou atenção foi a forma como eles se identificaram na escolha de personagens para preservar o anonimato, todos os personagens escolhidos foram homens fortes (Sr. Incrível, Manda Chuva, Costinha, etc.) com carreiras de sucesso ou marcados por serem malandros que conseguem escapar da justiça ou das consequências sociais.

Com relação a responsabilização acerca do ato cometido, a maioria dos entrevistados culpabilizou a companheira pela atitude tomada e justificou a atitude como resposta ao comportamento da mulher. Esse resultado também nos inquietou para refletir sobre essa dinâmica entre o papel da mulher e o do homem e o sustento da prática de violência.

No ano de 2020, com a pandemia de COVID-19, as disciplinas passaram para o formato remoto e foram necessárias adequações aos projetos de pesquisa em função do isolamento social. No primeiro e segundo semestre de 2020, junto ao grupo de pesquisa de saúde mental coletiva participei da escuta remota no canal Conta Comigo. A partir do projeto de extensão e pesquisa foi possível fazer acolhida aos profissionais de saúde e da população em geral oferecendo rede de apoio naquele momento desafiador e difícil que todos vivemos. E também nessa experiência foram realizados diversos atendimentos a mulheres em situação de violência doméstica que em função do isolamento social ficaram mais expostas ao agressor em casa.

Essa tese inicia-se pela introdução onde apresento os dados gerais acerca da violência contra as mulheres, os grupos de homens autores de violência e alguns caminhos de prevenção já tomados até aqui. Na sequência são apresentados os objetivos da pesquisa e os pressupostos que embasam essa tese.

A revisão bibliográfica foi apresentada em três temáticas que foram estudadas: violência contra as mulheres, homens autores de violência e o machismo e por último violência de gênero e o patriarcado. E o capítulo do referencial teórico discutem-se os autores e conceitos que fornecem a lente que analisamos os dados.

No capítulo do método é exposto como foi realizada a coleta das entrevistas, diário de campo e análise dos dados. Por fim, foram expostos os resultados, discussão e as conclusões do estudo.

1 Introdução

A violência faz parte das construções da sociedade e atinge a todos (as) que a vivenciam tanto diretamente como enquanto espectadores. Infelizmente, na atualidade, diariamente somos expostos à inúmeras formas de violência. Segundo Minayo (2006), as atitudes de violência podem apresentar-se de várias formas: negligência, desprezo, violência física, sexual, psicológica e originalmente não é um problema de saúde, mas, por gerar danos importantes à construção dos sujeitos, se torna um problema urgente em saúde pública. Para a mesma autora, existem violências autorizadas e as violências condenadas elas podem ser definidas como *violências* por serem mutantes e por irem sofrendo modificações conforme o entorno social e o período sócio histórico.

Compreende-se a violência contra mulheres (VCM) é considerada como um problema de saúde pública, por apresentar alta prevalência e por seus efeitos atingirem a todas as envolvidas e ao contexto na qual estão inseridas. Ademais, pode-se considerar este problema como um problema global e da ordem dos direitos humanos, pois acontece de variadas formas e suas consequências geram danos físicos, emocionais e psicológicos que envolvem impactos na vida das pessoas e nas questões econômicas ao sistema de saúde e social da população.

No Brasil, a Lei 11.340/2006, denominada Lei Maria da Penha, traz especificações acerca do que devemos considerar como violências doméstica e familiar contra a mulher tipificando-as em: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral (Brasil, 2006). Destaca-se que até a chegada da lei Maria da Penha outros caminhos já tinham sido trilhados e mesmo depois da promulgação da mesma hoje tem-se outros questionamentos. Mesmo sendo uma lei inovadora e interprofissional em sua aplicabilidade, ainda deixa muitas vítimas de violência de gênero excluídas da mesma, a exemplo das pessoas não binárias, trans e outros dentro da população LGBTQIA+ (Nothaft; Lisboa, 2021).

A VCM causa entre outros danos, a morte das mulheres. Assim vale ressaltar os índices de mortalidade, pois o Brasil ocupa o 5º lugar em homicídios femininos, o que representa cerca de 4,8 mortes por 100 mil habitantes. Os números apresentaram crescimento de 18,4% de homicídios de mulheres em função de violência dos anos de 2006 a 2013 (Cerqueira et al.,2018). Dados apresentados por Ramos *et al* (2022) mostram que o número de homicídios continuou a crescer nos anos de 2019 e 2021 atentando para o aumento expressivo da violência em alguns estados do Brasil. No levantamento realizado por Ramos *et al* (2022), o Brasil é um dos países com maior índice de VCM e a pauta da proteção, segurança e dignidade para as mulheres ainda carece de muita discussão dentro das políticas públicas.

No último fórum Brasileiro de Segurança Pública foram apresentados dados sobre o crescimento do feminicídio no Brasil. Comparando-se os dados de 2019 para 2020 esse aumento ficou evidente apresentando dados de mais de 400% de aumento em alguns estados, como o Mato Grosso. Em contrapartida o número de boletins de registro de violência diminuiu e os agravamentos da pandemia afetaram as vidas de todas as pessoas que são atravessadas pelas questões econômicas, raciais e de gênero (Lobo, 2020; Santos *et al*, 2020). Barros (2018) apresenta outros marcadores de cor, com dados de que mulheres negras são mais vitimadas e que a maior parte dos atos de violência são praticados por familiares, parceiros e ex-parceiros.

Partindo então de que a VCM é um problema de saúde pública e que a violência como forma de resolução de conflitos é histórica e geradora de agravos em todas as esferas sociais agora inclui-se outra parte na equação – os homens autores da violência. A utilização do termo homem autor da violência (HAV) faz eco ao movimento que entende que autoria é decisão e precisa ser responsabilizada, quando se utiliza “homem agressor” condiciona-se à funcionamento ou patologia que impediria reflexão e mudança. Dentro da Lei Maria da Penha nos artigos 35º e 45º são dispostos e apresentados programas para os homens que praticaram a violência dentro do Brasil e em outros países esses trabalhos vêm sendo realizados. (Lemos, 2020).

Trabalhar e pensar violência e formas de intervenção apresenta-se igualmente como um desafio por algumas razões iniciais: as violências conhecidas e noticiadas são usualmente facetas de outras maiores e encobertas; violências ocorridas no espaço familiar são ecoadas por outras vivenciadas e até capitalizadas pelo estado; a violência é viva e se dá em contextos que envolvem afetos dores e amores. Neste sentido, esta tese vai ao encontro do apresentado por Oliveira (2016) na intenção de

que na escuta dos homens autores de violência (HAV) possa-se de alguma forma aproximar-se de caminhos que auxiliem na prevenção. Já é sabido que o sistema judiciário sozinho não alcança todos os desdobramentos dos afetos envolvidos nessa problemática e os números apresentados ao longo do trabalho evidenciam a lacuna que se apresenta nas pesquisas e no cotidiano vivenciado pela população Brasileira.

Nothaft e Beiras (2019) reiteram esses pontos quando apresentam a urgência em estudar-se envolvendo os HAV nas pesquisas e aproximando-se da construção das masculinidades e a relação da mesma com os atos violentos. Na revisão de literatura realizada por Pacheco *et al* (2022), dos 21 artigos analisados apenas um trabalha com a representação social de HAV, todas foram pesquisas qualitativas e a maior parte realizada dentro da enfermagem. Para as autoras a utilização da TRS por parte de pesquisadoras(es) da Psicologia são necessárias para a qualificação do trabalho por parte dos (das) profissionais.

Na pesquisa realizada em uma cidade do Rio Grande do Sul o perfil dos HAV e descreve a necessidade de intervenções contínuas e de cunho preventivo, que incluam a conscientização da população e o compromisso com políticas públicas (Gedrat; Silveira; Neto, 2020). O levantamento acerca do perfil de HAV apresenta dados gerais de que a maioria teria ensino fundamental (55,8%), de religião católica e com faixa etária de 22 a 32 anos. Reforçando que a maior parte dos crimes é realizado pelos “ex companheiros” das vítimas (Brasileiro; Melo, 2016). Com relação às questões econômicas os estudos apresentam relação entre baixa renda e o comportamento violento dos homens, embora que nas pesquisas realizadas exista a denúncia de violência dentro de todas as faixas econômicas (Gedrat; Silveira; Neto, 2020).

Mesmo que as primeiras intervenções no Brasil sejam anteriores a Lei Maria da Penha e que se tenha números que crescem dentro dessas intervenções elas ainda se apresentam desconectas e com pouco incentivo. Nothaft e Lisboa (2020) em estudo sobre as intervenções com autores de violência apresentam dados alarmantes sobre as lacunas na realização desse trabalho e as propostas expostas pelo Brasil a partir do documento formal que prevê os formatos de funcionamento que os mesmos deveriam realizar. Dentre as críticas mais acentuadas encontra-se: falta de avaliação posterior aos grupos de intervenção se haveria eficácia na estratégia e a não capacitação permanente das equipes que realizam o trabalho.

Segundo Vargas e Machado (2017) homens matam e morrem para provar que são homens, ficam perdidos dentro de si. As pesquisadoras realizaram trabalho com HAV em grupos no judiciário da cidade de Porto Alegre e dos 489 homens que participaram dos grupos menos de 3% voltaram a se envolver em situações de VCM o que demonstra a efetividade dos grupos reflexivos.

Os grupos reflexivos ou educativos para HAV são então estratégias de enfrentamento à VCM e são realizados com embasamentos teóricos diversos: psicopatológico – que pressupõe distúrbios de personalidade e individualizam o problema; psicoeducativo pró-feminista – repousa o problema sobre a ordem social; cognitivo comportamental – pressupõe intervenção da mudança de comportamento e novamente enfoca no individual e construtivista narrativista – que correlaciona as perspectivas sociais e psicoterapia (Antezana, 2012).

Para Toneli, Beiras e Ried (2017) uma política nacional sobre os grupos para homens autores de violência é urgente, objetivando que as iniciativas não sejam interrompidas em função de questões de incentivo financeiro. Além disso, no mesmo levantamento os autores evidenciam que existem diferenças na aplicação do trabalho, mas que, a maioria tem por objetivo a conscientização da autoria da violência e reflexão sobre ela.

No que se refere aos grupos reflexivos o estudo realizado na cidade de Pelotas com base na teoria das representações sociais mostra que os HAV atribuem ao grupo significados de pertencimento, trocas e reflexão. Fazendo menção a uma sensação de não estarem sozinhos. Neste estudo foram entrevistados 13 homens e nenhum deles tinha novo envolvimento com situações de VCM após a conclusão do grupo (Lemos, 2020).

A partir da Lei nº 13.984/2020 passou a ser prevista, agora com legislação específica, a participação dos homens autores de violência nos grupos de reeducação e de reabilitação pensando na promoção de espaços onde fosse possível questionar e propor novas formas de vivenciar a masculinidade.

Ainda sobre o grupo para HAV Scott e Oliveira (2021) realizaram estudo comparativo sobre as intervenções realizadas e identificaram que ainda são necessárias formação para os profissionais que atuam com esse grupo, trabalho de triagem para identificar a inclusão de novos participantes no grupo e importância do método reflexivo responsabilizante.

A partir de todos os dados apresentados até aqui observa-se a relação e atuação direta dos homens na VCM e o quanto inúmeras tentativas e legislações ainda não foram suficientes para dar conta de atenuar a VCM. Faz-se necessário questionar que modelo de masculinidade que ainda perpetua que homens são não emocionais, independentes, não cuidadores e violentos. Connell e Messerschmidt (2013) apresentam o conceito de masculinidade hegemônica, mesmo considerando que não é hegemônica e normativa ela atravessa o imaginário do que é considerado como ser a forma mais honrada de ser homem e legitima a submissão de mulheres.

Revisão de literatura realizada por Oliveira e Gomes (2011) revela que o número de estudos que apresentam os HAV como objetos de pesquisa é escasso e evidencia a necessidade da ampliação das pesquisas qualitativas sobre o tema. Ao encontro desta Silva e Melo (2021) apresentam revisão de literatura sobre a saúde mental e os construtos da masculinidade e não localizaram no Brasil estudos sobre essa temática, apenas revisões de literatura, expondo a necessidade de entrevistar e pesquisar a partir da fala de homens utilizando a abordagem de estudo qualitativo.

Compreender a construção social destes homens, de suas masculinidades e da forma como expressam suas percepções torna-se fundamental para nos apontar caminhos para desarticular e diminuir os impactos devastadores da violência doméstica. Para Madureira *et al* (2014) a denúncia de forma pontual não se apresenta como resolutiva, sendo necessárias intervenções de cunho preventivo voltados a igualdade de gênero. Apesar da compreensão de ser uma temática que envolve o gênero, que transversaliza as questões de gênero, a teoria de gênero não será o aporte teórico que sustenta as discussões da tese nesse momento.

Não se pretende desresponsabilizar os homens autores da violência sobre seus atos, mas compreender que atravessamentos acompanham os mesmos pensando em formas de prevenir e intervir. Prevenindo com ações de cunho social, estaremos atingindo a todos os que sofrem com essa forma de violência. Para Gedrat, Silveira e Neto (2020), pesquisas que objetivem conhecer necessidades de saúde, e compreensão mais específicas sobre o funcionamento e atravessamentos vivenciados pelos HAV podem subsidiar intervenções futuras que colaborem para a prevenção dessa forma de violência.

Os dados do relatório acerca dos construtos sociais que interferem no fenômeno da violência, as informações acessadas na mídia e os artigos científicos sobre a temática apontam que a VCM tem instrumentos e mecanismos dinâmicos que

são parte do cotidiano da população Brasileira. Nesse sentido, o presente estudo utilizou como referência teórica a teoria das representações sociais (TRS). Isto porque, segundo as pesquisadoras Pacheco *et al* (2022), pode colaborar na compreensão da problemática da VCM e aproximação das representações que os envolvidos na temática vivenciam e no impacto que isso tem na manutenção e repetição da violência.

Um objeto de estudo das representações sociais está vinculado ao que se dá no senso comum, considerando-o como legítimo e necessário para aproximar-se da construção da realidade – o conhecimento do homem comum para questionar as “garantias científicas”. Esse homem comum, a partir da teoria das representações sociais, é parte de uma situação social, cultural, tendo sua história pessoal (Guareschi; Jovchelovitch, 2012). Celso de Sá (1998) aponta para o fato de que o objeto de pesquisa em representações sociais está no social, no cotidiano, é multifacetado e enquanto pesquisadores (as) conseguimos nos aproximar dele, mas é necessário ter a compreensão de que a captação completa não é possível frente à sua complexidade.

Deste modo, foi elaborada a seguinte pergunta de pesquisa: Como os homens autores de violência contra a mulher, representam o que é ser homem, ser mulher e sobre violência?

2 Tese

As representações sociais do que é ser homem e ser mulher e da violência são pilares para os comportamentos violentos por parte dos HAV, pois estes atribuíram marcadores sociais de gênero (força, responsabilidade e virilidade) como características do que é ser homem e (cuidado com a família e com os filhos) como características do que é ser mulher. Sobre violência os HAV consideram que foram injustiçados e conferem as mulheres a responsabilidade do ato violento praticado por eles. Além deste, em alguns acontecimentos, eles endossam a prática da violência considerando-a como louvável. Ou seja, os mecanismos psíquicos de construção das representações, em seus aspectos sociocognitivos (processamentos de informação), coadunam com a funcionalidade, criação e manutenção das práticas violentas destes.

3 Objetivo geral

Apreender as representações sociais de homens autores de violência do que é ser homem, ser mulher e sobre violência.

3.1Objetivos específicos:

a) Conhecer as histórias de vida de homens autores de violência com as violências perpetradas e/ou vivenciadas.

b) Identificar como a vivência da violência ou dos comportamentos violentos são compreendidos pelos homens autores de violência e a implicação na sua masculinidade e perpetração de práticas de violências contra as mulheres.

4 Revisão de literatura

A produção frequente de conhecimento exige por parte do(a) pesquisador(a) dedicação para a busca do que existe de produção acerca do tema que é definido como objeto de sua pesquisa. Para realização dessa etapa da produção da tese optou-se por utilizar a revisão narrativa, essa modalidade de revisão pode ser definida como uma forma ampla de explorar a produção sobre um determinado tema. Nesse formato de revisão não é proposto uma pergunta específica de pesquisa nem por limitadores dentro da pesquisa e sim objetiva-se cercar o objeto dentro das necessidades que vão sendo ofertadas dentro da própria revisão (Zilmer; Diaz-Medina, 2018).

Para o embasamento da pesquisa e construção do objeto foram construídos três pontos de revisão: violência contra as mulheres; homens autores de violência e o machismo; Violência de gênero e o patriarcado.

4.1 Violência contra as mulheres

A violência e as relações violentas ganharam espaço na pesquisa no Brasil a partir dos anos 80. Existem explicações para esse fenômeno multifatorial a partir de diversas perspectivas que defendem e argumentam de formas variadas. Para Minayo (1999) a violência é resultante das interações sociais, envolve a relação pessoal, política e cultural.

Já para Saffioti (2004) a violência pode ser definida como: ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: física, psíquica, sexual e moral. A autora Brasileira defende e apresenta a trama entre as questões econômicas, raciais e as de gênero mostrando que quanto maior a violência dentro de uma sociedade maior será a violência sofrida pelas mulheres.

Especificamente sobre à VCM, esta constitui-se como uma das principais formas de violação de direitos humanos, intervindo no direito à vida, saúde e integridade. Homens e mulheres vivenciam a violência, homens são vítimas nos espaços públicos e mulheres nos próprios lares (Brasil, 2013).

Para Toneli, Beiras e Ried (2017) a violência pode ser entendida como a invasão do espaço e subjetividade do outro, relações assimétricas em que o outro não ocupa espaço de sujeito ativo, mas de objeto. Importante elucidar que este outro que é objeto da violência possui relações de afeto com o agressor o que torna o processo de sofrer violência ainda mais complexo e impactante no ponto de vista psicológico da relação.

A VCM é um fenômeno que atinge a todos os países, uma em cada três mulheres sofreu violência física ou sexual advinda de seus parceiros íntimos. Sobre esses números ainda se registra que no ano de 2019 35% dos homicídios que tiveram mulheres como vítimas caracterizaram-se por feminicídio (Vieira; Garcia; Maciel, 2020).

Salienta-se que no Brasil algumas formas de violência são realizadas pelo Estado, à exemplo do período em que mulheres não tinham autorização para o voto autorizado apenas em 1932 (Silva; Oliveira, 2016). Na atualidade, mesmo que vários direitos tenham sido concedidos pesquisa recente de Chai, Santos e Chaves (2018) realizada com mulheres atendidas pela vara de violência doméstica mostra que apenas 14% das entrevistadas diz não ter sofrido expressões de violência institucional. Para os autores, existem formas variadas de apresentar que o estado se omite em muitos casos e agride a mulher.

Em paralelo aos impasses transpassados pelo direito, existem os fatores sociais, a considerar que a maior parte das mulheres que sofrem violência, dentro do modelo patriarcal vivenciado no Brasil sofrem violências múltiplas em seus contextos sociais por ter que responder as perguntas “o que fizeram para apanhar?” ou sentenças violências como: “apanharam e ficaram com o marido era porque gostavam”. Bruhn e Lara (2016) apresentam, em seu estudo documental, dados sobre a rota crítica vivenciada pelas mulheres em situação de violência e o quão dolorida é a vivência da revitimização dentro dos serviços que deveriam oferecer proteção. A rede trabalha no reforço do seu entendimento sobre o caso da “vítima”. As autoras ainda salientam que a solução para a situação das mulheres seria ter sua família de volta, mas sem a violência, o que não é proposto pelas instituições que fazem parte

da rede de atendimento. Além destes, são vivenciados problemas de ordem econômica, os altos custos para manutenção do básico para o sustento de uma família revelam outro nó no caminho para a liberdade das mulheres que vivenciaram violência e aqui é necessário esclarecer que não são somente as mulheres de classe baixa que se submetem a relacionamentos violentos para garantir o sustento.

Importante ressaltar que Alves e Diniz (2005) em seu estudo sobre violência conjugal apresentam análise de que foi a partir do sofrimento de violência por parte das mulheres de classe média que este fenômeno tornou-se da esfera pública em termos de Brasil. Cabe de igual forma expor o que Pinto (2020) apresenta a partir da revisitação à Saffioti, que a violência contra “as mulheres” revela pluralidades, de forma que cada mulher em sua classe, cor, espaço que ocupa irá vivenciar essa dolorosa experiência de forma diferente, expressando assim uma variedade de opressões.

Somado aos fatores judiciais e sociais precisa-se discorrer sobre o afeto envolvido nesses relacionamentos, nos conluícos afetivos e no desamparo psíquico que é vivenciado pelas mulheres. Lucena *et al* (2016 pg.4) evidencia em pesquisa os passos que a violência contra a mulher percorre:

De acordo com os depoimentos das mulheres que sofreram VCM, a relação conjugal é permeada inicialmente por insultos, humilhações, intimidação, provocações mútuas, gerando conflitos e tensão. Em seguida, há uma necessidade de confirmação da depreciação e inferiorização da mulher adicionados de ameaças de violência até a confirmação do episódio agudo do fenômeno. À mulher é colocada enquanto objeto e figura passiva, servindo apenas para reprodução biológica. Já o homem é tido como sujeito que utiliza força física e dominação. Apropria-se da mulher objeto, nega a vivência da VCM, culpabilizando-a pelo ato sofrido, propõe que irá mudar e que a relação será transformada a partir de promessas mútuas de mudanças, porém o ciclo se renova, após a considerada “lua de mel”, pois há falta de cumprimento dos pactos e dos papéis estereotipados, tornando o fenômeno da VCM recorrente.

Segundo Balbinotti (2018), existem três formas de explicar e considerar a VCM: dominação masculina; dominação patriarcal e uma terceira que discorre sobre o processo ambíguo que a mulher vivencia nas relações de violência. Sobre a dominação masculina, essa vertente defende que a dominação masculina se dá em razão da naturalização da superioridade do homem sobre a mulher. Já na dominação patriarcal Saffioti (1979) apresenta o conceito que tem vertente na perspectiva feminista e no marxismo, logo, a exploração e a discussão sobre a dominação masculina revelam uma sociedade de classes. Gregori (1993) por outro lado, remete ao papel da mulher que em alguns momentos deseja ser indispensável e outras se

incomodaria como a limitação de liberdade, revelando então uma dupla que funciona com perversidade em sua unidade.

O medo de quebrar o silêncio da VCM é presente e fator a ser considerado dentro desse fenômeno. Os vínculos que podem ser considerados como indesejados por parte do companheiro são cortados e a cada momento o isolamento aumenta e é reforçado pelas ameaças (Paz *et al*, 2019).

O fenômeno social da VCM é multifacetado e atravessado por questões culturais. Como apontado nos dados ele é histórico e apresenta faces e adaptações ao longo dos anos, hoje, existem mais ferramentas e acesso para as mulheres que sofrem violência, mesmo assim, por ser multifacetado lidar com a violência social e institucional é mais um nó na batalha vivenciada pelas mulheres. Existem os danos sociais, psicológicos, econômicos e familiares envolvidos nessa problemática e todos(as) sofrem no cotidiano as consequências da VCM.

4.2 Homens autores de violência e o machismo

Como dito anteriormente, o trabalho com os homens autores de violência é uma proposta que caminha para a prevenção de agravos na violência e para a conscientização do sujeito acerca da autoria do ato. Políticas públicas que incluem as mulheres em atendimento exclusivamente se mostram ineficazes e insuficientes tendo em vista que a articulação de uma rede para esta problemática complexa é urgente.

Corroborando com os dados sobre as pesquisas realizadas com HAV apresentados na introdução e justificativa da tese, a grande maioria dos trabalhos realizados com HAV objetivam descrevê-los com relação as questões de identificação geral (idade, questões econômicas), mas conforme Madureira *et al* (2014) são necessárias pesquisas que se voltem as questões subjetivas que envolvem a situação da VCM.

Existem inúmeras formas de descrever nossa identidade social, a pergunta inicial é: - Quem é você? Em responder essa pergunta observa-se o impacto e a interferência nas vidas e na socialização vivenciada. Lane (2006) apresenta conceitos que são necessários nesse momento que se pensa o conceito de homem. A autora explica que em nossa socialização primária são apresentadas as primeiras informações, advindas de nosso sistema nuclear inicial, que formarão a maneira inicial que “veremos” o mundo. Posteriormente passamos pela socialização secundária,

quando então alguns conceitos entendidos como certos e objetivos serão revistos, questionados e em alguns momentos substituídos, esse processo dar-se-ia ou dá-se na adolescência e vida adulta, quando vivenciamos afastamento de nosso núcleo inicial e vamos construindo nossos próprios grupos. Cabe questionar o que acontece quando as instituições que atravessam nossas histórias pensam e ensinam sempre da mesma forma? Sem o espaço para questionamento ou enfrentamento?

As músicas, filmes, poemas, mídia de modo geral durante muitos anos reforçou o que é ser homem a partir de uma imagem de força, resistência, bravura e poder. Qualquer característica que lembrasse ou aproximasse ao feminino era entendida como fraca e digna de menos respeito. O impacto dessas imagens ainda é apresentado nos estudos atuais. Lemos (2008) em seu trabalho sobre a representação da masculinidade na religiosidade contemporânea apresenta um paralelo sobre o que é ser homem e o que é esperado por ser homem e fala do condicionamento que exige padrões violentos, impositivos e fortes. Não é incomum, segundo a autora, alguns homens impondo sua masculinidade a partir dessa forma de se ver e de ver o mundo. Estamos em frente de um ideal hegemônico, anterior a nós e que já nos espera em nossos “berços”, são anteriores à nossa existência.

Strey (2018) apresenta a diferença entre sexo e gênero definindo gênero como uma construção social que envolve o que é esperado de um homem e de uma mulher em seu contexto social e histórico. Evidenciando que a definição do que é ser homem relaciona-se com cultura e com o social. Pensar em gênero, em como definem-se homens e mulheres influenciam em nossos contextos de educação e de trabalho. A questão da hierarquia de gênero tem suas explicações no patriarcado, o poder e a autoridade são efetivados por homens no controle das mulheres. Os resquícios desse modelo social atingem a todos ainda nos dias atuais. Necessário ainda questionar sobre a interferência de figuras representativas em seus discursos e na reprodução e reforço dessa sociedade que se revela praticante de violência contra as mulheres.

A masculinidade hegemônica seria então uma forma de pensar o ser “homem” que normatiza comportamentos padrão e que com isso subordina outras masculinidades fazendo uma divisão entre o que é e o que não é aceito dentro desse Universo (Domingues *et al*, 2016).

O que aproxima o homem de sua identidade é que ele precisa distanciar-se de qualquer característica feminina, buscando quase que uma distinção entre tarefas masculinas e femininas. O fato de ser homem e ser mulher está naturalmente

vinculado ao seu convívio em sociedade (Dias *et al*, 2019). Oliveira e Gomes (2011) descrevem ainda sobre os danos causados pela violência em homens e mulheres e na necessidade de aprofundar este debate.

Incluiu-se na presente pesquisa o conceito de gênero, relacionado a construção dada por um determinado grupo ou sociedade ao que se entende como homem. Uma construção que vai além da diferença entre homens e mulheres evidenciando que existem modelos e construções sociais que atuam na sociedade em todo o tempo (Hemmi; Baptista; Rezende, 2020).

Balbinotti (2018) em sua escrita sobre a VCM ser uma expressão do machismo e do patriarcado discorre sobre a trajetória social de sair-se da cultura matricêntrica aos caminhos dolorosos do patriarcado. Segundo a autora com a alteração de atividades econômicas para trabalhos que exigiam mais força e as disputas de território o homem foi ganhando espaço na cultura da época, nesse momento histórico o poder “do pai” passa a ser superior ao poder materno, determinando então quem iria se sobrepor ao outro na relação. Estabelecendo também o controle sobre o corpo feminino. Ao encontro desse movimento, tanto a vertente filosófica grega como a moral cristã endossaram esse discurso, nesse trajeto as mulheres foram queimadas, entendidas como loucas, como criaturas irracionais e sem condições de cuidado de si.

No século XVIII, houveram transformações na compreensão da sexualidade e às mulheres foram atribuídas todas as atividades de cunho doméstico e qualquer desejo que elas tivessem eram compreendidos como passivo de repreensão. As novas gerações foram recebendo esse arcabouço de histórica coletiva que incluía esses valores para a manutenção do sistema patriarcal (Muraro, 2015). Logo, quando chegamos ao século XXI temos longa construção de sofrimento vivenciado pelas mulheres na conquista ou na tentativa de conquista de alguns pequenos passos.

Agora então, o machismo pode ser apresentado e entendido como um sistema de representações simbólicas, a clássica dominação e sujeição entre o homem e a mulher (Drummond, 1980). Representam manifestações concretas no comportamento, ensinamento e funcionamento entre homens e mulheres, além deste o machismo enquanto sistema ideológico alimenta expectativas sobre o funcionamento do masculino e do feminino e a relação entre eles contida. Nessa expectativa de comportamento acaba-se por excluir pontos importantes e essenciais na relação entre ambos.

Giraldo (1972) em seu estudo realizado com a população Mexicana apresenta informações substanciais para o enquadro acerca do machismo e o define como a ênfase exagerada nas características masculinas e a crença na superioridade do homem. Revela também que o machismo é um fenômeno que aparece em todas as classes sociais, mas reforça que à medida que evolui a educação da população se modificam algumas das características secundárias da apresentação do machismo.

Na perspectiva do sistema patriarcal o masculino é detentor da ação, decisão e chefia das relações familiares, tendo sua expressão como agente produtor de violência, dominando pessoas, guerras e conquistas.

Sobre o sistema patriarcal e o machismo, cabe pontuar que esse sistema condiciona de igual forma o espaço dos homens e o espaço atribuído as mulheres sendo eles a esfera pública e esfera e privada respectivamente. Por esfera privada se considera o espaço de produção e sobrevivência doméstica e familiar (Barbinotti, 2018). Os papéis de gênero condicionam o que é esperado das mulheres, levando a bandeira de que o “macho social” detém o poder sobre as “correções” das mulheres que lhe são “confiadas”. No caso das relações conjugais as atitudes corretivas são atribuídas ao normal masculino:

Por isso, em geral, quando acusados, os agressores reconhecem apenas “seus excessos” e não sua função disciplinar da qual se investem em nome de um poder e de uma lei que julgam encarnar. Geralmente quando narram seus comportamentos violentos, os maridos (ou parceiros) costumam dizer que primeiro buscam “avisar”, “conversar” e depois, se não são obedecidos “batem”. Consideram, portanto, que as atitudes e ações de suas mulheres (e por extensão, de suas filhas) estão sempre distantes do comportamento ideal do qual se julgam guardiões e precisam garantir e controlar (Minayo, 2005).

Silva e Melo (2021) reiteram o quanto o machismo revela-se nocivo para homens e mulheres e como o exercício da masculinidade com modelos hegemônicos apresenta-se como produtora de sofrimentos e como um funcionamento que não autoriza a tomada de consciência dos sentimentos. Logo, as mulheres são as mais atingidas, porém, homens também são atingidos pelo machismo.

Os mesmos autores suscitam o debate dos componentes sociais de nosso contexto de precariedade material e condições sociais e a relação com o adoecimento mental. É proposta relação entre a masculinidade e o sofrimento mental, mas destacam o quanto as construções do neoliberalismo permanecem entrelaçadas com a verdade presente de que estamos sempre em uma corrida e nessa corrida estão inclusas as pautas de ser o melhor “homem” Silva e Melo (2021). Em revisão de leitura

sobre os transtornos mentais menores e os homens Affleck *et al* (2018) destacam o quanto homens teriam dificuldade em compreender o sofrimento por ele vivenciados adotando comportamentos de alto risco como o abuso de substâncias psicoativas em detrimento de vivenciar o sofrimento mental que acomete alguns, esse dado evidencia-se em função dos números apresentarem as mulheres como mais propensas a desenvolver depressão por exemplo, mas o maior número de suicídio aparecer em homens, como se, houvesse subnotificação quanto a compreensão do adoecimento mental em homens.

Importante salientar que o machismo, como esse enquadre de representações simbólicas apresentado anteriormente condiciona e opera sobre todos(as). Mulheres sofrem com jornadas duplas, com a exigência de ser melhor também na concorrência entre si, com as pautas da maternidade, da saúde, estética, da manutenção dos relacionamentos conjugais. São atribuídas a elas (ou a nós) toda a agenda do cuidado: de si, do outro, do nosso.... E os homens, sofrem pelas agendas do poder, da soberania, do controle e do não sofrimento. Essas representações simbólicas acabam por exigir de todos(as) a adaptação à moldes rígidos e adoecedores.

4.3 Violência de gênero e o patriarcado

Para estudar os HAV com base na teoria das representações sociais faz-se necessário a leitura e reflexão acerca das questões de gênero, em razão de que essa teoria é construída e pensada a partir da interlocução entre o que imprimimos no social e no que o social alimenta de nossos pensamentos e leituras de mundo. Ou seja, os discursos dos HAV, dentro da TRS, apresentam dados de um recorte de tempo, local e construção social que alimenta suas expectativas, conceitos e formas de pensar e agir. Os construtos de gênero, enquanto forma de apresentação do que é ser homem e do que é socialmente ser mulher fazem parte da teia dos processos da VCM.

Gênero é uma categoria fluida que sofre impacto a depender do momento histórico. Para Scott (1995), alguns historiadores incorporam ao conceito de gênero a mesma naturalidade das questões do sexo da pessoa, para a autora sexo pode ser denominado com a construção biológica, já gênero refere-se ao papel social atribuído à homens e mulheres ideias e ideais de funcionamento que são esperados. O que reforçaria que homens como dominantes e mulheres como dominadas, compreender

o conceito de gênero auxilia na aproximação de como o que é esperado de atitude e comportamento de homens e mulheres pode ser impactante no funcionamento dos (as) mesmos (as).

Mesmo que tenhamos crescido enquanto Brasil no número de mulheres no mercado de trabalho, por exemplo, as mulheres ainda são sobrecarregadas por acumular tarefas, visto que, no papel de gênero feminino ainda estão incluídos o cuidado as crianças e a família. Os dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística evidenciam que as mulheres que não possuem filhos menores de 3 anos ocupam mais vagas no mercado de trabalho. Além deste, outro dado alarmante ainda há desigualdade na ocupação de cargos gerenciais no Brasil. Estudos como estes são realizados a partir da perspectiva de gênero e podem elucidar a discrepância na conciliação das multitarefas e a disparidade na equiparação de cargos e salários entre homens e mulheres.

Pinto (2020) discorre sobre a complexidade da teia que sustenta a opressão contra as mulheres, existem diversas formas de explicar as razões e apontar soluções para a opressão contra as mulheres e elas podem estar alicerçadas na batalha de classes, ou nas questões de gênero, ou ainda na naturalização de um funcionamento familiar único que exclui todas as diferenças culturais e aplica uma mesma exigência de funcionamento a todos e todas oprimindo. Cabe ressaltar que estes conceitos de patriarcado, gênero, dominação de classes, entre outros são escritos que foram se construindo ao longo e dentro de processos históricos e para cada um dos autores que os apresenta teremos posicionamentos distintos sobre a opressão feita contra as mulheres.

É relevante pontuar a desigualdade de raça nessa equação, tendo em vista que o mesmo levantamento vai mostrar o aterrorizador dado do maior número de homicídios contra as mulheres negras ou pardas:

“Entre as mulheres, as pretas ou pardas tinham maiores taxas de homicídio que as mulheres brancas, tanto no domicílio, quanto fora dele. No domicílio, a taxa para as mulheres pretas ou pardas era 34,8% maior que para as mulheres brancas; fora do domicílio era 121,7% maior” (IBGE, 2021, p.11).

Mesmo que as pesquisas que visem a divulgação do construto de gênero e do impacto na vida da sociedade como um todo tenham favorecido o aumento das políticas públicas elas ainda não são suficientes para promover uma igualdade de gênero dentro do nosso país. Haja vista, os retrocessos do governo anterior com a

alteração de ministérios e proposições de falas sociais que questionaram o lugar da mulher nas lideranças entre outros corroboram para a perda de espaços e construções já realizadas nessa temática.

“A responsabilidade quase duas vezes maior por afazeres domésticos e cuidados ainda é fator limitador importante para uma maior e melhor participação no mercado de trabalho, pois tende a reduzir a ocupação das mulheres ou a direcioná-las para ocupações menos remuneradas” (IBGE, 2021).

Os estudos de gênero são, portanto, necessários e importantes para a compreensão dos fenômenos sociais, nestes estudos a pessoa é vista em sua integralidade histórica, social, racial ao invés de generalizações de pessoa neutra (Beiras *et al*, 2021).

Como forma de auxiliar na compreensão dos eventos envolvidos na violência de gênero e o feminismo, apresentamos a Quadro 1, que representa a linha do tempo construída a partir das publicações oficiais e sites de informações:

Figura 1- Síntese de leis e eventos sobre violência de gênero e o feminismo.

ANO	EVENTO/LEI
1827	Meninas são liberadas para frequentar escolas
1832	É publicado Direitos das mulheres e injustiças dos homens, de Nísia Floresta (Campoi, 2011)
1852	Primeiro jornal feminino é criado.
1871	Lei do ventre livre.
1910	É criado o Partido Republicano Feminino
1919	Resolução de salários iguais para homens e mulheres é aprovada
1934	Mulheres conquistam o direito ao voto no Brasil.
1948	Declaração Universal dos Direitos Humanos
1962	Lei nº 4.212/1962 permitiu que mulheres casadas não precisassem mais da autorização do marido para trabalhar.
1977	Lei nº 6.515 foi sancionada e iniciou uma discussão sobre a separação.
1981	Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher

1985	Criação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher
1985	Criação da Primeira Delegacia Especial de Atendimento à Mulher
1988	Primeiro encontro nacional de mulheres negras em Valença (RJ). Considera-se que esse evento deu início as articulações das questões do feminismo e raciais.
1989	Massacre de Montreal - Escola Politécnica de Montreal – Episódio em que o autor do crime associou as razões do assassinato as feministas terem lhe causado grandes danos na vida.
1990	Publicação do trabalho de Joan Scott - Gênero: uma categoria útil de análise histórica.
1993	Assembleia Geral da ONU que adota o termo - violência doméstica contra a mulher.
1994	Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher.
1996	Criação dos Juizados Especiais Criminais
1998	Primeira experiência nacional relatada na literatura é de São Caetano do Sul/SP
2000	Convenção Internacional contra o Crime Organizado Transnacional Relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas
2001	Lançamento da Campanha Laço Branco no Brasil
2002	“Falta de virgindade” deixa de ser crime.
2003	No governo do presidente Lula a criação da primeira secretaria Nacional de Políticas para as mulheres.
2003	Lei 10.788 Notificação Compulsório de casos de violência.
2004	I Conferência Nacional de Políticas para as mulheres
2005	Criação do "disque 180".
2006	Sancionada a Lei 11.360 - Lei Maria da Penha
2007	II Conferência Nacional de Políticas para as mulheres
2007	Lei 11.489 instituindo o dia 06 de dezembro como Dia Nacional de Mobilização de Homens pelo fim da violência contra as mulheres.
2007	Lançamento do Pacto Nacional pelo Enfrentamento à Violência Contra a Mulher.
2009	Criação do Instituto Maria da Penha
2010	É eleita a primeira mulher para a presidência do Brasil.
2010	Criação da ONU Mulheres.

2011	Política Nacional de Enfrentamento a violência contra a mulher
2011	III Conferência Nacional de Políticas para as mulheres
2015	Lei nº 13.104 classifica o feminicídio como crime de homicídio.
2016	IV Conferência Nacional de Políticas para as mulheres
2018	Assinatura do decreto 9.417 sobre a transferência da SNPM.
2018	Lei nº 13.718/2018 foi sancionada e criminalizou a importunação sexual, assim como a divulgação de cena de estupro.
2019	Ministério da Educação tem extinta a secretaria de ações de diversidade
2019	É publicada nova versão para livros didáticos sem agenda de não violência contra mulher
2019	Secretaria Nacional de Política para as mulheres é transferida para o Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos.
2019	Presidente Jair Bolsonaro veta PL 2538/2019 sobre notificação compulsória.
2020	Governo feminino é exemplo de enfrentamento ao coronavírus.
2021	Lei nº 14.188/2021 estabeleci o programa de cooperação sinal vermelho e a tipificação da violência psicológica. Ele reforça que a violência psicológica consiste em ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz e insultos
2022	Bancada feminina bate recorde nas eleições.
2023	Ministérios dos Povos Indígenas e da Igualdade Racial são criados A frente deles, duas grandes mulheres: Sonia Guajajara e Anielle Franco
2023	“Portaria do aborto” é derrubada.
2023	Brasil sai do Consenso de Genebra
2024	Votação no Senado sobre a PL 1904

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A história dos direitos das mulheres e da participação da vida pública é recente e fruto de batalhas de grupos que através de seus movimentos forçam as estruturas sociais (patriarcais) incluindo na agenda dos governos necessidades das mulheres (Lemos, 2020).

No Brasil a criação da Secretaria Nacional de Política para as Mulheres (SNPM) dá início a uma série de conquistas que, além de realizar ações pontuais, passam a

ter funcionamento de rede e organização de atividades a pequeno, médio e longo prazo. Ao invés de desenvolver algumas atividades isoladas, a articulação vem ao encontro do enfrentamento à VCM. A partir de 2003, ano da criação da Secretaria, fica estipulado capacitar profissionais que atuam no atendimento das mulheres e das crianças de casas e abrigos para mulheres vítimas e nas delegacias especializadas no atendimento as vítimas (Brasil, 2011).

A maior parte das legislações brasileiras, com relação às mulheres, surge após 2004, ano em que foi realizada a I Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres, organizada pela SNPM com participação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulheres. No ano de 2007, aconteceu a II Conferência Nacional, em 2011 a III e no ano de 2016 o evento ocorreu novamente. Em todos os momentos, a maior batalha vivenciada pelas mulheres está na busca por espaço político. Com o mesmo intuito e objetivando liberdade e segurança para mulheres e meninas, no ano de 2010, é criada a ONU Mulheres, entidade nas Nações Unidas dedicada a tratar da igualdade de gênero e do empoderamento de mulheres.

As legislações de proteção à mulher andam a passos lentos e na maioria das vezes nossas vidas são decididas por homens, sentados em suas “poltronas finas”. Recentemente está aberta a discussão sobre mais uma lei violenta que vincula ao aborto posterior as 22 semanas de gestão ao crime de homicídio. Esse debate gera grande comoção social e precisa estar dentro dos trabalhos acadêmicos de igual forma, tendo em vista que mais uma vez o corpo da mulher passa por decisões externas de homens que jamais estarão em nossos lugares. O corpo da mulher é lugar de crítica e vigia constante.

A maior parte dos marcos legais são recentes e pode-se observar a necessidade de não abrir mão de conquistas realizadas até aqui. Mesmo que tenhamos maior proteção, ao menos no “papel”, sabemos que em nosso cotidiano mulheres correm mais risco, são violentadas nas ruas, carros de aplicativo, nas faculdades, calçadas, festas e em casa. Não existe ainda, em 2024, espaço seguro.

5 Referencial Teórico

Esse estudo empregou a Teoria das Representações Sociais (TRS) como o referencial teórico, com o objetivo de conhecer as representações de homens autores de violência sobre ser homem, ser mulher e sobre violência. Além de aproximar-se de como essas representações influenciam na manutenção das atitudes violentas praticadas por esses homens.

A TRS foi apresentada por Serge Moscovici (1928), um psicólogo social naturalizado Francês e de origem Romeno que em sua obra *La Psychanalyse Représentation Sociale: um conceito perdido* (1961), demonstra que as representações sociais estão presentes em nosso cotidiano e operantes em nossas relações diárias. Para o autor, elas são dinâmicas e fruto das interações e da comunicação social. A TRS propõe atenção a relação entre o sujeito e o contexto social, possibilitando atentar-nos ao que se dá nessa interação, rompendo com as visões até então expostas de sujeito e objetos puros ou na generalização de que tudo se dá e se constrói no indivíduo ou que tudo pode ser explicado e justificado pelo social. Assim, de acordo com Guareschi e Jovchelovitch (2013, p. 19): “[...] ao fazer isso ela recupera um sujeito que, através de sua atividade e relação com o objeto-mundo, constrói tanto o mundo como a si próprio [...]”

A teoria pensada por Moscovici (1961) vem crescendo e multiplicando-se no campo das pesquisas sociais. Por tratar-se de uma teoria que se atenta ao senso comum dentro da vida cotidiana, no que as pessoas conhecem como realidade. É uma teoria difundida em vários países e que a partir dela já houveram ramificações de estudos por outros autores que deram continuidade as pesquisas com a utilização da TRS (Almeida; Santos; Trindade, 2019). Além disso, a TRS é utilizada tanto dentro da psicologia social como em pesquisas realizadas em outras disciplinas, está implicada com os questionamentos e com a inquietação de buscar o novo (Guareschi; Jovchelovitch, 2012)

A TRS pode ser definida como uma teoria que oferta um arcabouço de conceitos entrelaçados que buscam aproximar-se dos fenômenos sociais e como eles são construídos e transformados (Jovchelovitch, 2011). As representações sociais têm por finalidade tornar familiar algo não familiar ou a própria não familiaridade. Na dinâmica da familiarização, objetos e pessoas são imediatamente relacionados a acontecimentos prévios ou conceitos já atribuídos. A partir disso fazemos avaliações do que é comum, anormal ou não familiar.

É importante reiterar que as representações sociais são ditas sociais pelo contexto do sujeito envolver um social, desde o nascimento e em todas as construções das fases do desenvolvimento e é representação por envolver símbolos que são inerentes a comunicação do ser humano, mas que podem ser decodificados de formas variadas a partir da vivência subjetiva desse sujeito (Jovchelovitch, 2011).

Para Oliveira e Werba (2018),

[...] As representações Sociais são “teorias” sobre saberes populares e do senso comum, elaboradas e partilhadas coletivamente, com a finalidade de construir e interpretar o real. Por serem dinâmicas, levam indivíduos a produzir comportamentos e interações com o meio, ações que sem dúvida, modificam os dois. [...]

A TRS configura fenômenos ligados, a própria noção de representações sociais envolve as dimensões: cognitiva, afetiva e social.

Figura 2: explicação da construção de representações sociais



Fonte: Elaborado pela autora.

Os fenômenos estão interligados nesse sentido, todo fenômeno observado é reconstruído por um sistema cognitivo, de valores e de conferência de seu grupo social que chega e dá significado a suas atitudes e o entendimento da realidade. As engrenagens que movimentam as representações sociais estão imersas na cultura, diálogo, rituais, conversas e na comunicação. Elas surgem necessariamente anexas ao tecido social (GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 2012). As RS não podem ser reduzidas as suas questões cognitivas, visto que, precisam ser entendidas a partir de seu contexto de produção, são fenômenos sociais (SPINK, 1993).

Para o precursor da teoria Moscovici (1961) o ser humano tem uma capacidade singular e individual de pensar, mas faz parte de uma sociedade pensante. Dentro dessa sociedade são apresentados dois universos distintos que são respectivamente abastecidos: consensual e reificado. No universo reificado estão os conhecimentos ditos científicos e no consensual a construção do dia a dia. No estudo de Moscovici o objeto foi compreender como que um conceito do universo reificado era entendido e explicado pelo senso comum.

Moscovici (2015) descreve sobre o medo instintivo dos seres humanos sobre o que não lhe é familiar em função do não familiar estar fora do seu controle. E enumera alguns pontos deixados de lado pela psicologia e que são fenômenos presentes nas relações: a) nós não podemos afirmar que estamos cientes de algumas coisas, mesmo que estejam em nossa frente e que pareçam claras e objetivas. De alguma forma nossas ideias internas pré-estabelecidas nos mantêm eclipsados de “ver” de forma “real”; b) alguns conceitos cristalizados podem alterar com o passar do tempo; e c) nosso vocabulário de respostas aos estímulos que somos expostos estão relacionados ao contexto social e cultural em que estamos inseridos.

Por tratar-se de uma representação social, Moscovici (1961) especifica que a legitimidade de uma representação para que seja validade como “social” se dá na função que ela desempenha, o quanto ela está relacionada com as atitudes que são tomadas e da comunicação que se dá sobre ela.

Para o autor a psicologia social que se interessa por fenômenos de ideologia e a forma como esses se comunicam, o meio que um grupo expressa seus preconceitos e pensamentos está enraizado nas representações que lhe são comuns, uma realidade social que é meio imaginária e meio física (Almeida; Santos; Trindade, 2019 pg.28).

Quanto a função que as representações sociais desempenham, Moscovici (2015) destaca duas principais, explicando que elas: 1. conceituam objetos, pessoas e acontecimentos à medida que acontece o encontro com os mesmos. A realidade observada no cenário de hoje é somada a outras adquiridas ao longo de nossas histórias.

Entretanto, quanto maior consciência dessa “lente”, maior as chances de conseguirmos nos movimentar para além dela; e 2. as representações sociais são prescritivas, existem representações já estabelecidas que não foram pensadas por nós, mas que são compartilhadas por nós, essa função da representação social corrobora com a noção de que são pensadas e aceitas no social após sucessivas gerações. De forma que alguns conceitos de doença e saúde, por exemplo, estão, nesse momento, depois de muitos anos, já alicerçados em nossa cultura, funcionando como alívio aos que são nomeados por esses termos (ex.: neurótico).

Moscovici (2015) defende a existência de um processo coletivo que penetra o individual, ou seja, representações sociais não são criadas isoladamente, quanto menor nossa consciência sobre a representação social de um determinado fenômeno/objeto, quanto menor nossa reflexão sobre ela, menor a criticidade e mais forte é esta representação em nossas vidas.

Para Jovchelovitch (2011 pg.35) as representações são construídas, vivenciadas e emergem das inter-relações – eu, o outro e o objeto. Trata-se de um processo simbólico que permeia a forma como compreendemos o mundo, estamos no mundo. “A tarefa da representação nos campos sociais está relacionada à construção de visões de mundo”. Nesse sentido excluir a representação como algo puramente cognitivo implica na exclusão do construto social que ela detém. A tarefa, para autora, vai de encontro a dicotomia presente em correntes da psicologia que posicionam sujeito puro e objeto puro e atenta-se ao que está entre sujeito e objeto.

É importante reiterar que as representações sociais são ditas sociais pelo contexto do sujeito envolver um social, desde o nascimento e em todas as construções das fases do desenvolvimento e é representação por envolver símbolos que são inerentes a comunicação do ser humano, mas que podem ser decodificados de formas variadas a partir da vivência subjetivo desse sujeito (Jovchelovitch, 2011).

Neste estudo utilizaremos a abordagem processual da TRS, visto que esta enfatiza os processos de construção e os pontos envolvidos na construção e manutenção de uma representação. Compreender os meios que o senso comum

vivencia os fenômenos. O sujeito, dentro da abordagem processual, é produtor de sentidos e expõe pela linguagem a forma como compreende e imprime sua compreensão de mundo (Tosoli, 2022). Outro ponto que favorece a atualização da abordagem processual é a relação que o grupo pesquisado tem e vivencia com a temática da VCM. Conhecer o processo da representação social para os HAV constitui-se como um importante passo para compreender intervenções e a relação dos mesmos com a violência.

Importante ressaltar as características dinâmicas das representações sociais, na abordagem processual o sujeito é compreendido como produtor de sentidos, pensando sobre o que compreendemos do mundo que vivemos e o que nele construímos. Essa vertente epistemológica conversa com a abordagem hermenêutica e com o interacionismo simbólico, revelando um processo contínuo de influência mútua (Banchs, 2004).

Para Banchs:

[...] Un enfoque cualitativo, hermenêutico, centrado em la diversidad y em los aspectos significantes de la actividade representativa; un uso más frecuente de referentes teóricos procedentes de la filosofía, lingüística, sociología; un interés focalizado sobre el objeto de estudio en sus vinculaciones sociohistóricas y culturales específicas; una diferenciación del objeto como instituyente más que como instituído, serían, entre otras, características distintas del aborgaje procesual de las representaciones sociales.[...]

Moscovici (2015) apresenta conceitos de ancoragem e objetivação como forma de esclarecer a construção de uma representação social. Ele define ancoragem da seguinte forma: neste processo, ao nos depararmos com algo ou com algum comportamento não conhecido/dominado, buscamos ancorá-lo em algo dominado previamente em nossas categorias anteriores. Ou seja, se vinculamos algo a alguma categoria somamos a ela tudo que se relacione com a categoria prévia. Mesmo que tenhamos consciência que nossa avaliação pode não ser correta, ignoramos este fato para atenuar nossa angústia em lidar com o desconhecido. Experimentamos um estranhamento e inquietação com o comportamento que não consideramos usual, sendo assim, rotular a algo conhecido é o primeiro passo dentro da ancoragem. Quando classificamos algo dentro de nossa escala de “conhecidos”, acabamos limitando suas ações e reações aos indivíduos pertencentes a determinada classe (HAV, Mulher, Justiça etc.). E assim que o indivíduo ou fenômeno for categorizado, temos em nossa memória relações positivas ou negativas com o mesmo.

Tosoli (2022) reflete sobre a proximidade dos universos consensual e reificado em razão do acesso que as pessoas têm aos conteúdos de forma instantânea a partir da difusão de acontecimentos mundiais. O autor reforça sobre o caminho percorrido em outros fenômenos da área da saúde e como se diferenciam no acesso às informações dentro da pandemia do COVID-19. Mesmo assim, as pesquisas a partir da TRS apresentam por exemplo a diferença de tratamento recebida por pacientes a partir da leitura de códigos internos de condutas dos(das) profissionais de saúde, acolhendo e sendo empático(a) ou sendo hostil a depende do julgamento dos(das) mesmos(as). Mostrando que a compreensão das referências internas e aproximação das mesmas pode ser compreendida como forma de prevenção ao descaso ou prática de violência por parte de alguns(as).

Já a objetivação apresenta-se como o passo seguinte à compreensão do novo (não familiar) vivenciada na ancoragem. Na objetivação, o abstrato é traduzido ao concreto ou ainda a reprodução do pensamento em imagem. Na sequência, segundo Moscovici (2015), é a popularização de uma imagem para todas as esferas sociais. Quando a imagem, mesmo sem a palavra, já representa seu conteúdo, ela é então considerada como realidade para aquela sociedade.

Para Guareschi e Jovchelovitch (2011, p. 16),

[...]Objetificar é também condensar significados diferentes – significados que frequentemente ameaçam, significados indizíveis, inescrutáveis – em uma realidade familiar. Ao assim o fazer, sujeitos sociais ancoram o desconhecido em uma realidade conhecida e institucionalizada, e paradoxalmente, deslocam aquela geografia de significados já estabelecida, que as sociedades, na maior parte das vezes, lutam para manter. As representações sociais emergem desse modo como processo que ao mesmo tempo desafia e reproduz, repete e supera, que é formado, mas que também forma a vida social de uma comunidade. [...]

Considerável ainda pontuar que os estudos realizados na pesquisa de Mestrado sobre a representação social de homens autores de violência sobre os grupos reflexivos abriu resultados preliminares para conhecer hoje como os mesmos se percebem enquanto sujeito no mundo (Lemos, 2020). Tendo em vista que as representações emergem no social e que são alimentadas pelas nossas histórias em nossos contextos de vida, conhecer as construções do que é ser homem e o quanto esse entendimento fomenta as práticas de violência auxiliará em estratégias para o enfrentamento da violência.

Nossos participantes são homens que praticaram violência e o método pode ser explicitado em psicossociológico a partir das entrevistas em profundidade e

análise de diário de campo (com escrita a partir de leituras de prontuários, e entrevistas de acolhimento realizadas com os HAV no NACA).

6 Metodologia

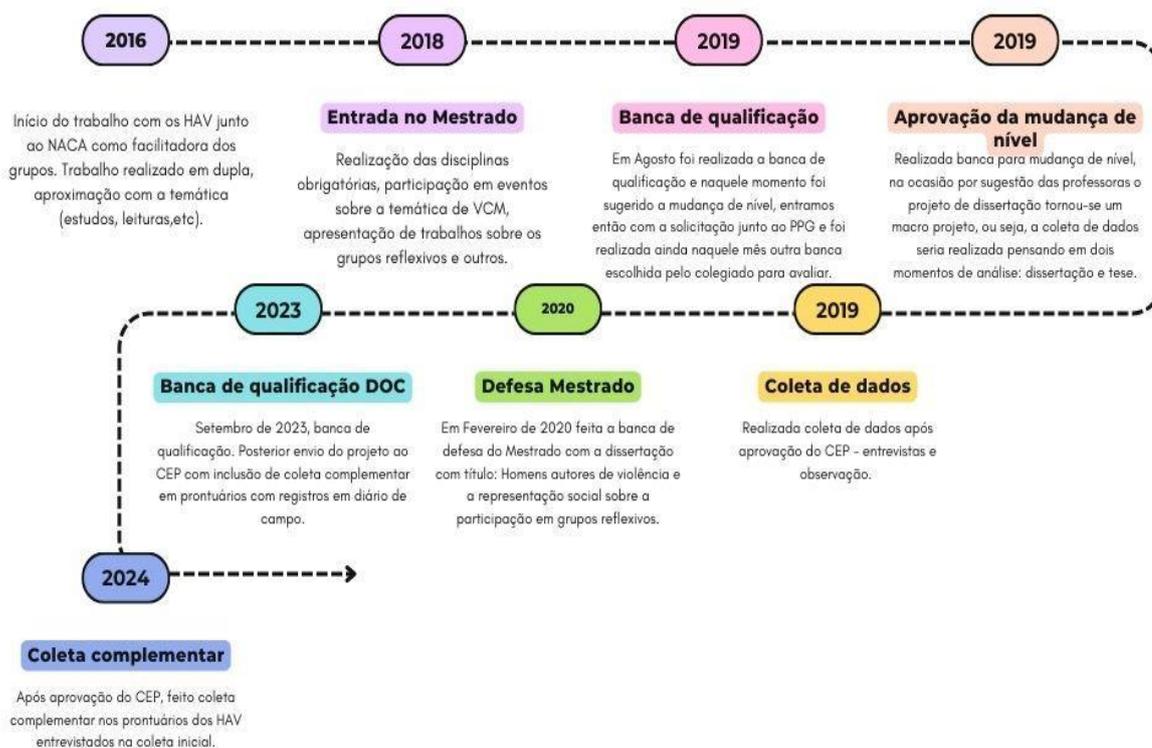
6.1 Caracterização da pesquisa

Essa tese é um estudo exploratório de abordagem qualitativa, nesse sentido, o objeto de pesquisa para Minayo e organizadores (1993) é histórico, parte de um todo que o observador também está incluído e não somos capazes de coletá-lo em sua totalidade. Sendo assim, enquanto pesquisador há de se compreender a limitação da escolha do recorte temporal e que capta parte de um fenômeno. Para a autora é operar em um campo que não pode ser quantificado, nosso objetivo não é a construção de generalizações:

“O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos.”

Para fins de compreensão da trajetória metodológica dessa tese incluiu-se a imagem abaixo com o fluxograma da execução de coleta e demais passos:

Figura3: fluxograma da execução de coleta



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

6.2 Cenário da pesquisa

A pesquisa foi realizada no NACA, que é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público denominada Núcleo de Atenção à Criança e ao Adolescente, situada no Município de Pelotas, Rio Grande do Sul, desde o ano 2000 (Scobernatti, 2012). Neste local foram realizados os grupos com os homens autores de violência nas relações de intimidade até o final do primeiro semestre de 2018. A escolha do local se deu pela localização central, de conhecimento dos homens que concluíram a participação nos grupos e com estrutura para a coleta visando a segurança dos entrevistados e da pesquisadora.

Pelotas é uma cidade localizada no Sul do estado do Rio Grande do Sul e, conforme dados do último censo, conta com uma população estimada em 325.689 pessoas e, destas, 53,05% são mulheres (IBGE, 2022).

No ano de 1992 foi criado o Conselho Municipal da Mulher na cidade de Pelotas e atualmente a rede de enfrentamento a violência contra mulher conta com sete dispositivos: Casa da Acolhida Luciety, vinculada à Secretaria Municipal de Justiça Social; Centro de Referência em Atendimento à Mulher em Situação de Violência, vinculado também a Secretaria Municipal; Delegacia Especializada em atendimento à mulher; Grupo autônomo de mulheres de Pelotas; Núcleo de Atenção à Criança e ao Adolescente; Patrulha Maria da Penha; e Secretaria Municipal de Educação (Pelotas, 2014).

Em 2015 o NACA passou a realizar atendimento a homens autores de violência contra a mulher a partir do projeto denominado: “*violência por parceiros íntimos, histórias que precisamos saber*”. Os homens atendidos nesta Instituição foram encaminhados ao serviço pela rede de justiça (Juizado Especializado no Atendimento à Mulher Vítima de Violência, Vara das Execuções Criminais e Delegacia Especial de Atendimento as Mulheres) e políticas sociais (Centro de Referência em Atendimento à Mulher Vítima de Violência) (Lemos; Oliveira, 2018).

De 2015 a 2018 foram atendidos cerca de 80 homens em duas modalidades de atendimento: grupo reflexivo e grupo psicoterápico. Ao concluir sua participação no grupo reflexivo (12 encontros), o homem poderia ser encaminhado ao grupo psicoterápico ou ser desligado do serviço (Lemos; Oliveira, 2018).

6.3 Participantes da pesquisa

Os participantes da pesquisa foram 13 homens que concluíram sua participação no grupo reflexivo.

6.4 Critérios para a inclusão e exclusão dos participantes

Como critérios de inclusão tivemos: ter participado do grupo para HAV e alcançado presença em no mínimo 75% dos encontros e residir em Pelotas. Não tivemos critérios de exclusão.

6.5 Coleta de dados

Inicialmente foram realizadas ligações telefônicas (Setembro/2019) aos participantes pela pesquisadora e os mesmos foram convidados a participar do estudo, esclareceu-se do que se tratava a pesquisa e fornecendo informações iniciais, conforme instigado pela Resolução 510/2016 que enfatiza o processo de consentimento como tão importante quanto a contratualização no Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) classicamente impresso. No dia da entrevista, a partir do TCLE, foram expostas as questões de sigilo e garantias que o entrevistado possui.

Após assinatura do termo de consentimento (ficando uma via com o participante e outra com a pesquisadora) e esclarecimentos quanto a participação ser livre e poder ser interrompida a qualquer momento sem nenhum prejuízo ao entrevistado iniciamos a coleta. Para fins de garantia do anonimato foi oportunizado aos participantes a escolha do nome de um personagem para preservar o sigilo quanto as suas identidades.

Por fim, foi realizada leitura dos prontuários dos HAV (Janeiro/2024) entrevistados sendo realizados os registros dos dados dos prontuários nos diários de campo. Nesta parte da pesquisa objetivou-se a aproximação com as informações fornecidas pelos homens no primeiro contato com as profissionais do NACA. Quando encaminhados ao serviço inicialmente passavam por acolhimento e triagem com a assistente social e a psicóloga e deste encontro saiam os primeiros relatos. Teve-se acesso a esses documentos e a partir de diário de campo foram apontados os pontos adicionais para posterior análise.

6.6 Princípios éticos

Toda a construção da coleta teve como referencial as resoluções 466/2012 (Brasil, 2012) e 510/2016 (Brasil, 2016). Cabe mencionar que a inclusão das duas resoluções esclarece que uma não sobrepõe a outra, mas que se somam a favor da realização de pesquisas que priorizam as condutas éticas e o respeito a todos os envolvidos no trabalho. Além destas, os princípios do código de ética de psicologia (CFP, 2014) que preconiza, no artigo 16: avaliação de riscos aos envolvidos; garantia

de caráter voluntário na participação da pesquisa; garantia do anonimato; e a garantia do acesso aos resultados pelos envolvidos na pesquisa.

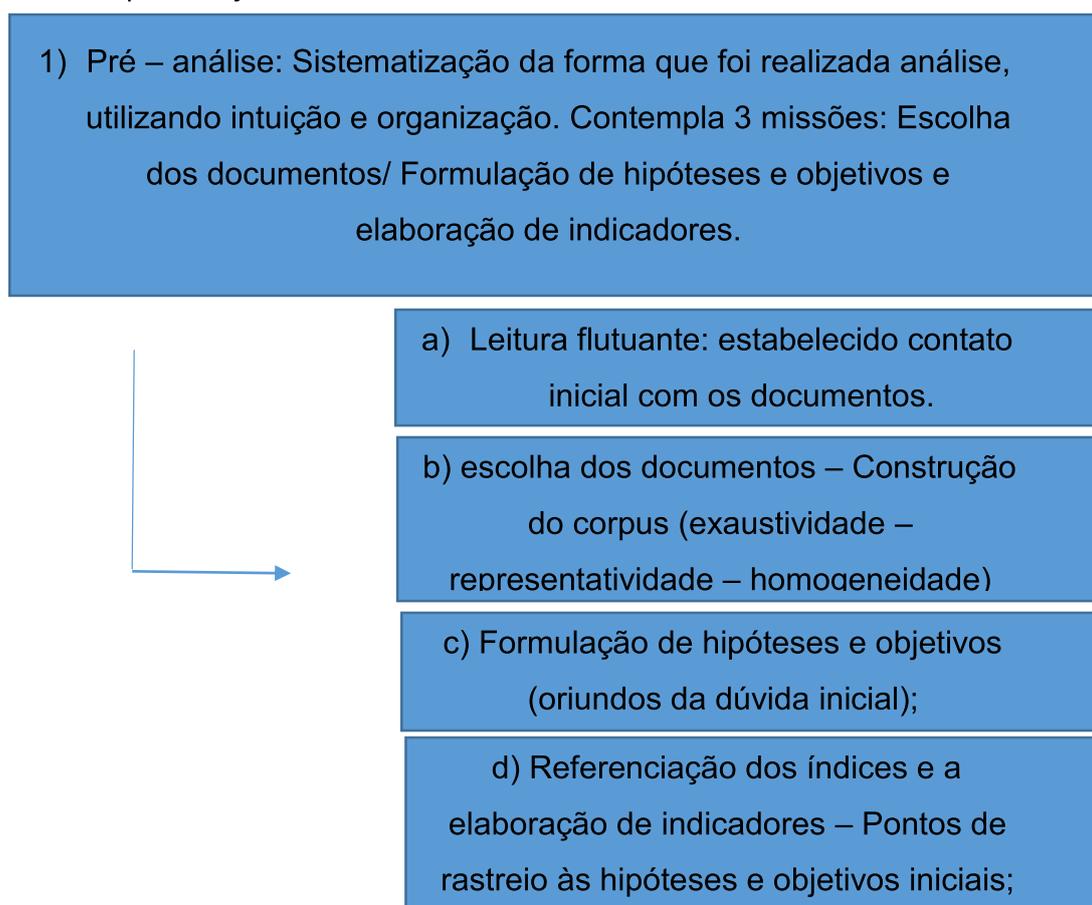
O parecer consubstanciado emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) está apresentado em anexo nesta tese (Anexo A). A análise complementar também foi submetida a avaliação do CEP e recebeu parecer favorável conforme anexo B. Para realizar a segunda parte da coleta o projeto passou novamente por avaliação do CEP e recebeu aprovação (6.585.773) conforme anexo.

Os dados serão armazenados por cinco anos sobre responsabilidade da pesquisadora e posteriormente serão incinerados (materiais físicos) e excluídos os registros eletrônicos.

6.7 Análise dos dados

Para o tratamento dos dados utilizou-se análise de conteúdo de Laurence Bardin (2016), a autora propõe fases cronológicas: pré-análise, exploração do material e tratamento, inferência e interpretação dos resultados. As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas na íntegra pela pesquisadora. Dentro de cada momento da proposta existem tarefas a serem cumpridas que vão relacionando-se entre si como apresentado no quadro abaixo:

Figura 4 – Representação da análise dos dados



e) Preparação do material – transcrição de entrevista – separação dos recortes dos materiais complementares;

2) Exploração do material – operando as codificações;

3) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação;

Fonte: Elaborado pela autora.

6.8 Divulgação dos resultados

Os resultados desta pesquisa serão divulgados no segundo semestre de 2024 para a equipe técnica do CREAS – Centro de Referência Especializado em Assistência Social e para o Centro de Referência no Atendimento à Mulher em situação de violência tendo em vista que, no último abril o NACA encerrou suas atividades por falta de investimento. Além deste, haverá devolutivas a partir de projetos de extensão em educação em escolas da Comunidade trabalhando prevenção à violência e maior equidade de gênero sobre orientação da professora Michele Mandagará de Oliveira. Neste projeto pretende-se incluir a participação de alunos da graduação. Ainda será realizada a escrita de artigos para divulgação dos dados nos meios científicos.

7 Resultados e discussão

7.1. Quem são os HAV entrevistados e suas histórias com as violências

Após a realização do contato telefônico, foram realizadas as entrevistas nas dependências do NACA. Ao todo participaram do estudo 13 homens que concluíram os grupos reflexivos para homens autores de violência. Importante salientar que quanto a escolha de identificação dos participantes que os mesmos fizeram opções que já apresentam elementos representacionais quanto à forma que eles percebem ou nomeiam o que é ser homem: Sr. Incrível, Homem Aranha, Costinha, Manda Chuva, Cebolinha, Pablo Escobar, etc.). A escolha da forma que seriam identificados revela a caracterização contida nesses personagens, mesmo que, em alguns casos as histórias de vida tenham elementos completamente antagônicos ao vivenciado pelos personagens, ao exemplo do Sr. Incrível com histórico de violência em todos os núcleos familiares, problemas econômicos severos e mesmo assim ele se intitula: Sr. Incrível.

A seguir inserimos um quadro com resumo das informações de identificação:

Figura 5 - Identificação dos participantes

Identificação	Forma de encaminhamento para o grupo	Mulher que sofreu a violência	Permanece com a companheira após a denúncia/processo	Idade	Religião	Escolaridade/Formação	Estado Civil	Número de filhos	Raça/etnia	Renda Mensal	Problema crônico de saúde	Uso de Alcool	Uso de tabaco	Uso de outras drogas
Apresentador da TV	Vara de Execuções Criminais	Ex companheira	Não, sem relacionamento nesse momento.	50	Evangélica	Ensino Fundamental Incompleto	Divorciado	2	Branco	R\$ 2.000,00	Não	Não, mas já fez uso.	Não, mas já fez uso.	Não, mas já fez uso.
Cebolinha	Vara de Execuções Criminais	Companheira	Sim	45	Espírita	Ensino médio Incompleto	Casado	1	Branco	R\$ 2.500,00	Não	Não	Não	Não.
Costinha	Vara de Execuções Criminais	Mãe de sua filha	Não, casado há 23 anos.	52	Espírita	Ensino Fundamental Incompleto	Casado	3	Branco	R\$ 1.800,00	Não	Não, mas já fez uso.	Não, mas já fez uso.	Sim, maconha.
Homem Aranha	Vara de Execuções Criminais	Ex Companheira	Não, sem relacionamento nesse momento.	41	Evangélica	Ensino Fundamental Incompleto	Solteiro	2	Branco	R\$ 1.800,00	Sim	Não	Sim.	Não.
Homem Elástico	Vara de Execuções Criminais	Ex companheira	Não, está em novo relacionamento.	53	Católico	Ensino Fundamental Completo	Separado	4	Branco	R\$ 1.800,00	Sim	Sim.	Não.	Não.
Lincon	Julgado de violência doméstica	Mãe adotiva	Não, sem relacionamento nesse momento.	25	Não tem.	Ensino Fundamental Incompleto	Solteiro	0	Branco	R\$ 1.200,00	Sim.	Não.	Sim.	Sim.
Manda Chupa	Vara de Execuções Criminais	Ex Companheira	Não, está em novo relacionamento.	49	Espírita	Ensino médio Incompleto	Solteiro	2	Branco	R\$ 1.500,00	Sim	Sim, diário.	Não	Já fez uso de maconha.
Maurício de Souza	Julgado de violência doméstica	Ex companheira	Não, está em novo relacionamento.	38	Evangélica	Ensino Fundamental Incompleto	Casado	3	Branco	R\$ 2.000,00	Não	Não	Não	Já fez uso de anabolizantes.
Pablo Escobar	Vara de Execuções Criminais	Tia materna	Não se aplica.	50	Evangélica	Ensino médio Incompleto	Casado	1	Branco	R\$ 2.000,00	Não	Não	Não	Não.
Sr. Ingrid	Vara de Execuções Criminais	Ex Companheira	Não, está em novo relacionamento.	50	Católico	Ensino Fundamental Incompleto	Separado	6	Branco	R\$ 2.000,00	Não	Sim, diário.	Sim.	Não.
SS	Delegacia especializada no atendimento a mulheres	Ex companheira	Não, está em novo relacionamento.	49	Católico	Ensino médio Incompleto	Solteiro	1	Branco	R\$ 1.200,00	Sim	Sim, diário.	Sim.	Não.
Steve	Vara de Execuções Criminais	Esposa	Sim	52	Não tem.	Ensino Fundamental Incompleto	Solteiro	0	Branco		Sim	Fazia uso a busivo até poucos meses	Não	Não.
ZP.	Vara de Execuções Criminais	Companheira	Sim	42	Umbanda	Ensino Fundamental Incompleto	Casado	0	Negro	1200	Não	Sim.	Não.	Não.

Fonte: Elaborado pela autora

Conforme apresentado no quadro, a maioria dos HAV que participaram do estudo foram encaminhados ao NACA pela Vara de Execuções criminais, como pena alternativa aplicada pelo judiciário. O que significa, que todos estes já tinham processos em andamento, com sentenças e que, para a justiça, foram considerados culpados do ato. A possibilidade de participação dos grupos como forma de cumprimento penal vai ao encontro das propostas incluídas na Lei Maria da Penha (BRASIL, 2016) tendo em vista que oportuniza ambientes de reflexão e socialização para os HAV. Mesmo assim, alguns chegaram ao serviço e diziam não compreender o porquê estavam lá:

[...] foi do juiz que mandaram para cá, armaram para mim [...] Diário de campo 27.01.2024

[...] Demonstrou raiva ao entrar na sala, diz não compreender porque não tem uma lei pro João da Penha. Sente-se injustiçado. [...] Diário de campo 26.01.2024

[...] Ah com ela, fui preso por causa dela chamou a polícia e eu fui preso. Ela fez de propósito né [...] (Apresentador da TV)

Porém nas entrevistas, após a conclusão dos grupos reflexivos os HAV apresentavam discurso diferente:

[...] Foi lá do Foro que eles me encaminharam pra cá, justamente por causa do processo que aconteceu no processo que eu tinha agredido ela que eu tinha ameaçado ela e que eu tinha que frequentar o NACA durante o tempo necessário [...] (Homem Aranha)

[...] Eu vim parar aqui porque eu agredi uma pessoa que eu tenho um filho com ela, né. No meu ponto, agredi...agredi entre aspas, porque...ela provo... não, ela não provocou a agressão [...].(Costinha)

Relevante é que dos 13 homens que agrediram suas companheiras 8 deles já estavam em novos relacionamentos, pensar em prevenção de atitudes violentas contra a mulher torna-se fundamental para o questionamento e enfrentamento de representações sociais de como funciona e como se dá a posição do “homem” dentro das relações. Na coleta complementar realizada nos prontuários foi possível observar que em todos os casos as agressões físicas outras formas de agressão já eram existentes nas relações e dois deles que estavam em novos relacionamentos destacaram que as novas companheiras eram “perfeitas”, como feitas para eles por que atendiam aos seus desejos e se deixavam ser cuidadas. O cuidado apresentado nas falas pode ser representado por controle: o que fazem no celular; onde estudam; que lugares frequentam.

Para Lucena et al (2016) a VCM é um fenômeno historicamente delimitado, legitimado e cultivado e é marcado por um ciclo que possui em sua dinâmica momentos de tensão e de projeções:

[...] A relação conjugal é permeada inicialmente por insultos, humilhações, intimidação, provocações mútuas, gerando conflitos e tensão. Em seguida, há uma necessidade de afirmação da depreciação e inferiorização da mulher adicionados de ameaças de violência até a confirmação do episódio agudo do fenômeno. A mulher é colocada enquanto objeto e figura passiva, servindo apenas para reprodução biológica. Já o homem é tido como sujeito que utiliza-se da força física e da dominação. Apropria-se da mulher objeto, nega a vivência da VDCM, culpabilizando a pelo ato sofrido, propõe que irá mudar e que a relação será transformada a partir de promessas mútuas de mudanças, porém o ciclo se renova, após a considerada “lua de mel”, pois há falta de cumprimento dos pactos e dos papéis estereotipados, tornando o fenômeno da VDCM recorrente. [...].

Como observado nas notas do diário de campo, esteve presente nos prontuários de acolhimento dos HAV referência a períodos em que “não haviam” motivos para brigas e na culpabilização das mulheres:

[...] Relacionamento vinha bem, até que a sogra arrumou outro homem pra ela [...] Diário de campo 29.01.2024

[...] Ela armou para mim, armou com aquele homem que ela se juntou [...] Diário de campo 27.01.2024

[...] Nós vínhamos bem, até que ela me traiu. Eu não esperava isso dela. [...] Diário de campo 27.01.2024

[...] A gente vai e vem, ela mexe no meu celular. Tem muito ciúmes, quer saber onde eu ando com quem eu to [...] Diário de campo 29.01.2024

A representação de que a responsabilidade pelas brigas e separações vem da conduta da mulher é presente nos discursos desde o primeiro contato dos HAV com a instituição e mesmo depois de completarem a participação nos grupos reflexivos esse conteúdo ainda esteve presente. Os problemas cotidianos envolvem ciúmes, discussões e o controle sobre o outro que é tido como objeto e não como outro sujeito ativo de poder igualitário na relação. A culpabilização da parceira pela atitude violenta pode estar vinculada à forma como os HAV desejam responder as expectativas sociais de que eles sejam protetores da família, sendo assim, confiar ao outro a responsabilidade pela minha atitude violenta, aliviaria meu ato, conforme exposto por Moura et al (2020).

Na expectativa do outro está enraizada boa parte das justificativas para os atos de VCM, na violação da decisão sobre seu corpo, na violação de posicionamentos sobre seu futuro, e é na história das mulheres que se inscrevem as opressões. De certa forma, o patriarcado autoriza e espera que os homens tenham o domínio sobre

as mulheres e acrescidos ao patriarcado temos o capitalismo, a religião e outras frentes que vão somando na construção da expectativa desse outro. Quem é “a mulher” que reside na expectativa dos homens? Ela é construída socialmente, religiosamente e culturalmente. Dutra et al (2013) em seu estudo apontam que as violências se iniciam quando a mulher expressa vontade que contraria seu companheiro. Na sequência os temores de uma nova agressão e a sensação de que não darão conta de sair do relacionamento são alguns dos combustíveis para a manutenção do mesmo. A rota romântica envolvida no matrimônio e a responsabilidade confiada a mulher para a manutenção da relação também corroboram para que as condutas agressivas sejam toleradas. Ainda existem no imaginário social e no próprio entendimento das mulheres que é da alçada delas todos os conflitos vivenciados com o parceiro (Santos et al, 2020).

A média de idade dos participantes é de 46 anos, outros estudos apresentam dados com homens mais novos. Verifica-se aqui alguns pontos apreendidos com as figuras parentais sobre “potência” masculina e as diferenças nas construções de papéis entre homens e mulheres reforçando e sustentando práticas de violência (Lemos, 2020).

A partir das entrevistas é possível apreender que a maior parte dos homens não se penaliza por ter parado de estudar ainda no ensino fundamental, mas enfatiza o fato de ter iniciado sua jornada de trabalho para sustentar a família ainda quando criança. Ter assumido o papel de “pai” foi destacado em vários momentos durante a entrevista e leitura de prontuários. Quanto à produção de um ganho financeiro desde a infância, pode-se relacionar com o imaginário da masculinidade tida como referência (Connell, 2002). Nas defasagens da infância, perde-se o contato com as fragilidades. Com isso, pode-se reprimir qualquer demonstração de medo, tristeza e insegurança, expressando-as através de atitudes violentas (Silva, 2019).

Quanto ao uso de substâncias psicoativas, ou em suas histórias individuais ou nos genitores existiu o uso. A maioria dos HAV relata o álcool, mas 4 deles fazem menção ao uso de maconha como forma de se “acalmar”, de administrar conflitos e de relaxar. E em dois relatos em específico é atribuído ao uso de maconha que tenham parado de estudar e perdido o interesse por coisas que hoje são consideradas importantes (crescimento econômico, melhoras profissionais, entre outros). Estudo recente apresentando dados sobre o uso de maconha na adolescência mostra alterações no córtex pré-frontal e na tomada de decisões. Evidenciando que o abuso

da maconha na adolescência poderá evidenciar riscos as condutas e decisões importantes relacionadas com esse momento de vida (Albaugh, 2021).

No levantamento realizado por Vasconcelos e Carvalcante (2019) o álcool é considerado como um dos pontos associados a VCM por ser uma substância que diminui os controles do sujeito. O álcool seria um facilitador para ocorrência de atitudes violentas, segundo Carpanez; Lourenço; Bhone (2019) a partir do relato de mulheres que sofreram violência, as mesmas observaram mudanças no comportamento dos parceiros deixando-os mais agressivos, explosivos e deixando-as inseguras frente ao comportamento do companheiro. Além dos problemas gerados dentro da relação também são apontadas maiores ocorrências de conflitos dentro dos núcleos familiares, gerando dificuldade no convívio com outras pessoas e possível isolamento social. Porém, existem também posicionamentos de que o álcool contribui quanto a gravidade da violência e não com o aumento da ocorrência (Moura et al., 2020; Pinheiro; Andrade, 2023)

Não se pode afirmar uma causalidade direta entre o uso do álcool e a VCM, porém apresentam o mesmo como facilitador da atitude violenta. No entanto, como exposto por Moura et al (2020), as variáveis de abuso do álcool somadas a dificuldade de manejar conflitos e ao histórico de violência como forma e resolver problemas apresenta grande risco para acelerar os processos da VCM como mostram os relatos abaixo:

[...] Eu...eu já tinha trabalhado, já tinha jantado e tava deitado vendo o jogo. E a F chegou em casa e começou ti ti ti ti E... foi numa quarta-feira... Nós saímos do serviço eu e um colega meu e ele disse **tche vamo tomar uma cerveja no bar** assim e eu disse, vamos. Controlei o horário pra não chegar tarde eu sei que eu tinha que fazer o almoço para nós trabalhar no outro dia fazer o meu almoço e ela começou a falar um monte de besteira lá embaixo... **Eu digo o que que essa mulher tá infernizando pô vai jantar e vai se deitar quieta.** E eu pensando comigo... , ela subiu e começou a lavar blá blá blá umas besteira que não dava nem para cabimento. **Ai eu fiquei brabo com ela, furioso empurrei ela da cama... e ela: -“tu tomou cerveja?” Tomei eu tava com os guris eu tava jogando bilhar com os guris, tinha um barzinho perto do serviço que tinha mesa de bilhar e nós tava jogando bilhar.** Eu digo ah tu tá com nojo da cama? Empurrei ela da cama peguei o colchão e empurrei pela janela....um colchão box...pesado aquilo. **Mas eu tava bravo com tanta raiva aquilo parecia que era de pena levezinho...** Eu digo bah que cagada que eu fiz... E... só não bati mais nela não cheguei nem a tocar nela só empurrei ela da cama. E... a A dormia lá em cima lá e foi até os vizinhos já viram o show lá... resultado eu atirei o colchão para fora daqui a meia hora tava botando o colchão sozinho para dentro de casa, né (risos)? E foi isso aí que deu... Nunca levantei a mão pra ela, nós batia boca, feio. E nem ela nunca levantou a mão pra mim, só essa vez ai.[...] (Homem Elástico)

[...] Ai eu entrei em casa chutando tudo, chutei computador, pra não dar nela, pra que meu chamou a polícia saiu, chegou eu digo vou me embora **nós já tinha tomado um monte os dois. Ai o álcool, o álcool prevaleceu também** [...] (Manda Chuva)

[...]A, eu tinha de tudo, tinha terreno, tinha três, quatro terreno, eu tinha casa eu tinha cavalo, tinha carro, tinha moto, tinha tudo, **mas botei tudo fora por causa da bebida. Só saindo, saindo.** Agora vai ser difícil, né, quando é novo ainda consegue, mas depois de velho... não conseguiu agora, não consegue mais. [...] (Steve)

Além deste facilitador, associam-se as questões de escolaridade, baixa renda e o histórico familiar de violência. Evidenciando os enredamentos presentes na violência doméstica (Martins; Nascimento;2017). Como posto por Novaes; Freitas e Beiras (2018) a violência de gênero é um fenômeno multifacetado, inicia nas relações sociais, mas está envolto ou submerso por fatores políticos, históricos e culturais.

Sobre a escolaridade dos participantes é importante ressaltar que em todos os estudos sobre o perfil de HAV prevalece a questão da baixa renda, mas, é sabido pela literatura que existe uma dificuldade em acessar mulheres em situação de violência dentro de classes econômicas superiores, uma das explicações seria de que essas mulheres não procuram os serviços públicos ou o judiciário. De certa forma, o marcador econômico está condicionado ao acesso das redes de proteção a algumas fatias sociais.

Nos dados coletados na presente pesquisa os HAV trouxeram informações sobre os relacionamentos familiares que incluíram abandono parental, histórico familiar de violência, baixa escolaridade e uso de álcool por parte do pai:

[...] **O pai se separou da mãe quando eu tinha 12 anos**, ai eu fiquei com a mãe, ajudei a criar a minha irmã, ajudei a criar meu irmão... **o pai não participou em nada ele era muito dependente do álcool, é até hoje**, então ai...relacionado a pai e mãe a minha infância foi muito fraca, **em seguida eu já tive que começar a trabalhar pra sustentar a casa e não tive vergonha de dizer vendia rapadurinha de porta em porta pra sustentar a casa**, era eu minha irmã e o meu irmão. **O meu pai e a minha mãe, o pai batia muito na mãe** [...] (Homem Aranha)

[...] **apesar que o meu pai era muito louco, meu pai era, meu pai bebia muito.** Mas ele bebia muito assim mas ele não..., as vezes ele tinha discussão com a minha mãe e tudo mas nunca foi um cara agressivo com a gente, sempre foi um pai muito bom. Apesar de eu ter convivido muito pouco com ele, ele morreu eu tinha 13 anos [...] (Costinha)

[...] então **o pai a mãe brigavam muito** por causa minha. **o falecido o pai o negócio dele é só viver pelas mulher na rua, bebendo** e se a gente ia com ele para ajudar, as vezes tinha que ajudar ele né, e aí saía, quando a gente voltava da vinda, do que ele fazia da vinda, **ele tinha que chegar em tudo que era boteco, e a gente com uma bermudinha, aquele frio de noite e eu me lembro, todos diziam para ele assim, levava uma bordoadada na**

cabeça, então a gente tinha que ficar quietinho e aguentar aquilo ali [...]
(Sr. Incrível)

[...]...**o meu pai era muito ruim, mas, mas tudo que ele fazia era pro bem né.** A, a mãe não matava uma mosca, a mãe não... se ia, ia, se não ia não dava nada, mas ele não, se a gente não fosse e ele descobrisse que não foi, **ai dava mesmo, o pai dava.** Sobre o pai bater: **O que ele tinha nas mão, se não tinha nada nas mão era sem nada, mas a mão dele fazia acho que umas três das nossas,** ele pesava cento e vinte e cinco quilos, mas ele não era gordo, ele era alto e grandão. **A, ele não tinha... o que ele tivesse, uma faca, uma coisa, ele dava, não perdoava.** Mas a minha mãe não, a minha mãe, nunca apanhei eu acho, da minha mãe não[...] {Não tem relação próxima com os irmãos. Pais falecidos} (Steve)

[...]“E com meu pai assim a gente não conversa muito faz muitos anos, **eu fui muito judiado por ele, muito torturado vamos dizer assim, eu tive uma criação muito difícil...**Mas foi bom assim pois hoje isso me tornou uma pessoa digna, uma pessoa de respeito. E a mãe assim é a que eu mais me dou, meu padrasto que eu considero meu pai.[...]” (Cebolinha)

Mesmo nas histórias que envolvem violência e o uso do álcool estão presentes algumas falas que endossam a atitude violenta justificando que a inclusão da violência na educação tornou-os pessoas melhores. Para Taufner (2020), a naturalização da violência e não compreensão dos danos causados pela mesma é um dos fatores que favorece a justificção pelo ato. Importante ressaltar que os ambientes onde ocorre a VCM em sua maioria são dentro das casas, onde moram crianças que também sofrem pela angústia que é gerada pela apreensão dos conflitos presentes.

Pinheiro e Andrade (2023) salientam que crianças que presenciam a violência dentro do ambiente da família podem conceber que é natural haver agressividade nas relações íntimas. Existe possibilidade de reeditar e repassar o modelo da dinâmica na relação do casal, considerando que existe um mais forte que coordena o outro que é objeto. Esse fenômeno tem aproximação com o conceito psicanalítico de transgeracionalidade psíquica, onde conflitos não elaborados, ocultos e negativos tendem a ser revistos em outras gerações como padrão de funcionamento familiar (Padilha; Barbieri; 2020)

Quando questionados sobre como representam violência, novamente emergiram os temas sobre a violência sofrida por eles por terem sido “mau interpretados”. A violência só é compreendida quando envolve agressão e a forma que mais lhes atinge é a violência urbana:

[...] **O QUE ELES FIZERAM COMIGO porque foi uma calúnia fui difamado, né?** Mentiram contra mim. Porque eu não...como eu disse eu não agredi ela, não fiz nada contra ela eu simplesmente larguei ela no portão de casa dei as costas e fui embora, aí eu não tive testemunha a meu favor que visse o ato que visse o momento que visse e **a única que ia testemunhar a meu favor que sabia da situação da X era a mãe dela e a mãe dela foi lá e distorceu**

tudo... disse que eu ameaçei de morte que ia matar que eu ia fazer...
(Homem Aranha)

[...]“Por ela tá errada no caso...**errada de eu corrigir de alguma coisa, ou não varrer a casa, não lavar uma roupa, não lavar uma louça e aí então eu chegava em casa e queria no mínimo que eu chegasse ali assim... não digo o chimarrão pronto porque eu desde solteiro sempre fiz as minhas coisas né? Mas eu chegava em casa tem que tá minha roupa lavada as minhas coisas pra mim ir pro banheiro tomar banho eu chegava em casa, não tem uma toalha seca ou uma toalha limpa...** [...] (Homem Aranha)

[...] Mas eu tava de boa, eu queria ficar numa boa, **mas ela me levou além do limite**. O que aconteceu aí os guris se acordaram aquele escândalo aquela coisa horrorosa, amanhecendo o dia 6 horas da manhã. E ela já fez um escândalo: “Eu vou chamar a polícia chama a polícia vizinho que ele quebrando tudo dentro de casa” Chamaram a polícia... o V. o meu filho é maior que eu, furioso. Eu digo V me da a chave do carro, sumiram com a chave dos carros para eu não sair. Eu queria ir me embora, **queria ir embora por que ia dar merda**. Chegou a brigada lá, **o V começou a bater boca com um brigada deu um soco no brigada deitou o cara no chão, eu saí quando eu saí do portão eles me deitaram no chão, me algemaram na frente de todo mundo**. Pô sai algemado, um em cada carro de polícia, **pô que vergonha cara, que mina bem chinela desgraçada**, ali já passei um tempo fora de casa, depois eu voltei, não era pra ter voltado. Ela provocava assim o limite limite não tinha limite tá, tu pedia deu, para, sabe?[...] (Manda Chuva)

[...] Se eu tivesse batido (Maurício de Souza), eu dizia: bati. Mas eu não bati, eu fazia e falava pra ela ser uma mulher melhor. [...] Diário de campo 26.01.2024

Nos relatos pode-se observar a banalização da violência, fazer ofensas e xingamentos não é considerado como grave. E ainda, quando o filho toma uma atitude agredindo, era obrigado a ser tido como herói. Novamente a reciprocidade na relação é tida como parte da dinâmica dos parceiros e as humilhações compreendidas como parte da intimidade (Moura et al; 2020).

Gutmann et al (2022) no estudo realizado com homens e mulheres usuários da Estratégia de Saúde da Família revela que os homens representam violência como algo mais presente no ambiente público e as mulheres algo que se dá no privado.

Sobre os personagens escolhidos por alguns dos homens, é importante ressaltar o papel da imagem dentro das representações sociais, como indica Moscovici (2015, pag. 77), tratando sobre o conceito de objetivação: “os nomes que inventamos e criamos para dar forma abstrata a substâncias ou fenômenos complexos, tornam-se a substância ou os fenômenos é isso que nunca paramos fazer”. Isso revela, portanto, que a escolha dos personagens representa uma forma concreta de apresentar-se. A escolha está baseada em conceitos anteriormente adquiridos na construção dessa representação social. Ser homem é ser um homem

forte, eficaz, potente e talvez violento, visto que, atitudes violentas são validadas pelo contexto social (Novaes, Freitas, Beiras;2018). Por mais que o discurso de alguns participantes seja contrário a violência e reforçando a dignidade das mulheres suas práticas agressivas são justificadas pelo que os constrói homens.

7.2 O que é ser homem e o que é ser mulher para os HAV

Dentro da categoria sobre o que é ser homem surgiram dois grandes eixos: a) homem como provedor da família que detém e/ou luta para ter poder financeiro e b) homem como “protetor” da família, que “ajuda” nas tarefas da casa e que por essa família é capaz de “matar ou morrer”. Esse “protetor” em algumas falas e notas do diário de campo aparecem como forma de controle na manutenção da conduta familiar conforme considera digno.

7.2.1 “Eu sou homem porque sustento”

[...Trabalhar, **manter a família em dia**, isso é ser homem de verdade, sabe, sabe ... o homem para mim aquele que vai à luta mesmo que não seja que nem agora mesmo, eu não tinha, não tô achando o serviço na rua, mas eu fui lá e digo não, mas tem isso, tem aquilo, tem aquele outro [...] (Sr. Incrível)

[...]Dai eu te devo, não sei mesmo... **rico**.[...] (Steve)

[...] Olha cara pra ser homem o cara tem que ser trabalhador, tem que ter caráter tem que ter conduta honesto entendesse ãh não enganar ninguém, ser uma pessoa digna... **ultimamente eu ando me sentindo muito ruim por que eu não tô conseguindo me auto sustentar sempre tive meu dinheiro** [...] (Manda Chuva)

[...]“Tem que ser responsável e honesto né, as principais coisas, sem isso ai não tem porque o homem é responsável por tudo, por trabalho por manter a casa para tudo. **A responsabilidade é do homem**. Pode ser um casal que a mulher trabalhe e tudo, **mas a obrigação ainda é do homem**. E para mim quem não trabalha é vagabundo.[...] (Apresentador da TV)

[...] Olha cara o homem ideal é aquele que desde estudou entendesse se formou né **consegue se auto sustentar, ter uma família do bem**. Ser uma pessoa do bem. Tem uma esposa do bem, eu acho que todo mundo tem que se ajudar. Tanto a mulher quanto o homem tem que trabalhar... Um dos motivos da minha separação foi isso que só eu trabalhava... E mostrar para os filhos a conduta de ser honesto, mostrar que existe droga que existe maldade que existe coisas boas.[...] (Homem Aranha)

No contexto social Brasileiro, desde o momento do ultrassom do bebê os (as) médicos (as) fazem comentários acerca do “pintão do bebê” evidenciando o poder e o mérito de ser homem conforme Lopes (2013). Na representação dos HAV esse construto aparece de forma clara. Ser homem é sustentar e se contrapor ao lugar de

passividade. Adiciona-se ao ser homem todas características sobre potência e foge-se de qualquer característica feminina.

As características del “*verdadero hombre*” são atribuídos: potência sexual, a conquista de muitas mulheres, o sustento da família e de filhos e a garantia de manter sua mulher em casa “protegida”. O foco em sua capacidade fálica e que quanto maior for sua atividade e entrega sexual mais “macho” será. Nessas representações são aceitas inclusive a invenção de estórias acerca de sua potência e conquista das mulheres. Para o autor fica evidente que para manter-se um “macho” o homem precisa de prestígio e garantir que a mulher tenha dependência dele, lhe é aceito e esperado o comando sobre a figura feminina. E além destes, o autor apresenta o homicídio com a sua mulher infiel como não aprovado, mas de certo modo compreendido. Existia na comunidade Mexicana a expectativa e compreensão de que o homem mantenha o poder frente a chegada de outros homens. Giraldo (1972) ainda relaciona a preocupação excessiva com a masculinidade e a agressividade com complexo de inferioridade que seria comum aos Mexicanos e alguns países e aponta que esse complexo de inferioridade teria ligação direta com a formação de crianças e as expectativas acerca do que é ser “macho”.

No contexto Brasileiro o machismo proclama a hipermasculinidade e a potência para controlar o mercado, governo, as atividades sociais e a mulher que deve se submeter. Segundo Neuhouser (1989) o machismo no Brasil tem raízes fortes desde a concepção do país com a chegada dos homens brancos que tiveram autoridade e poder sobre o corpo das mulheres que aqui viviam. Em conformidade aos dados apresentados até aqui, Minayo (2005) apresenta o estudo e a relação entre o machismo e a violência e revela a urgência da inclusão da temática dos homens na pauta de gênero e o quanto as formas de viver a masculinidade estão enraizadas na cultura patriarcal que aprisiona.

Na revisão sistemática realizada por Pinheiro e Andrade (2023) acerca do perfil dos homens autores de violência doméstica na produção científica Brasileira as autoras destacam que a baixa escolaridade e o trabalho informal são fatores associados a VCM, visto que, não atingir condições mínimas de sobrevivência pode ser fator estressante para o relacionamento entre casais.

Desde o nascimento homens e mulheres são instruídos por seu meio de convívio social sobre o que é esperado de seus comportamentos. Essa relação dá-se de forma praticamente automática a partir dos reforços recebidos seguidamente com

instruções e regras de quais atitudes serão aceitas e quais sofrerão rechaça por parte do nosso meio de socialização primária (Domingues; Gosmell; Oliveira, 2016).

Ao encontro do estudo citado acima, Gomes e Freire (2005) apresentam dados da pesquisa realizada com sete homens que violentaram suas esposas onde são conhecidas as histórias de vida dos mesmos e as suas construções de identidade. As autoras apresentam em sua pesquisa que os homens buscaram em sua construção de identidade distanciar-se de qualquer característica que os aproximasse de feminino. Quanto aos genitores dos homens entrevistados observamos a dificuldade de comunicação, violência praticada contra as genitoras e os filhos e ainda o reforço da necessidade de que os filhos trabalhassem desde cedo julgando esse ponto como necessário para comprovar a masculinidade.

Estudo realizado por Moura et al (2020), discorrem sobre as dificuldades dos HAV na resolução de conflitos de forma assertiva e expõe sobre o discurso dos participantes que é sustentado pelos estereótipos de gênero. Atribuindo ao homem o poder de sustentar e coordenar a família. A representação social do homem “bem sucedido” de várias formas, inclusive financeira, do poder que lhe é concedido assombra as reminiscências de que todo homem precisa comprovar seu mando sobre seu grupo familiar.

O patriarcado e o machismo, como formadores do contexto social vão imprimindo nos imaginários o que é ser homem e as atitudes realizadas pelos indivíduos abastecem o que já está posto e temos uma representação social. Nesse sentido, todo fenômeno observado é reconstruído por um sistema cognitivo, de valores e de conferência de seu grupo social que chega e dá sentido a suas atitudes e o entendimento da realidade. Os processos que envolvem as representações sociais são envoltos na interação social, muito além das questões cognitivas são entrelaçados os afetos e a realidade social (Banchs, 2004).

Nesse sentido, a mídia é fomentadora presente da venda da imagem desse homem potente. Como ele é representado? Que imagem vem à mente de homem de poder? Essas imagens alimentam as representações que são reforçadas pelas práticas em mantê-las. Homem como: forte, com dinheiro, protetor, ombros largos... quando olhamos para os personagens escolhidos pelos entrevistados para que fossem representados pelas questões de sigilo ético podemos ver essas características de forma clara: Sr. Incrível, Manda Chuva, Homem Aranha, Costinha, entre outros.

7.2.2 “Eu sou homem porque protejo”

O HAV representa que ser homem é ser alguém digno e exemplar, dentro do conteúdo do diário de campo e entrevista pode-se observar um homem definido como alguém impecável e irretocável:

[...] “Ah em primeiro lugar eu acho que ser **homem é ser pai**, eu acho que se o cara é pai ele pode ser homem, pai, **pai de verdade**. Pai porque a coisa mais importante na minha vida são meus filhos, **por eles eu mato ou morro**, que não vai ser preciso graças a Deus. E por eles eu faço qualquer coisa, **ser homem pra mim é ser pai**.”[...] (Costinha)

[...] “É **honrar o caráter é ser digno de dar valor à vida ser digno** de tá...tem uma vida para viver assim [...]” (Homem Aranhha)

[...]“**Assumir o papel de homem sabe? O que ele tem que ser, o que tem fazer**. Seria isso aí...Fazer sabe o serviço de casa, o que cabe a ele...Algum sabe, o que seria mais ou menos a parte dele...não fugir da responsabilidade sabe...ser responsável pelos atos...sempre... eu penso sempre, tem que ir pra frente.” (Pablo Escobar)

[...] “Ah acho assim um homem ideal é aquele que **cuida da família, cuida da esposa, consegue manter os seus filhos bem assim** né... então eu sempre procurei e as minhas brigas com ela foi muito foi pelo XXX assim, pela criação que ela tava criando errado ele e...**mas hoje ele reconhece que tava errado realmente né e ele me agradece pelas brigas por eu ser um bom pai**...” (Cebolinha)

A dualidade presente no que é dito e no que é realizada evidencia que mesmo que o discurso seja organizado e polido na prática os HAV não revelam empatia no cuidado ao outro. Por mais que nas falas os filhos e a família tenham aparecido como prioridade nas práticas não houveram menções a atividades cotidianas realizadas com os filhos ou companheiras.

Além disso, quando questionados quanto aos homens representativos da sua vida os entrevistados destacaram os seus pais, mesmo que tragam as dores do abandono e da violência sofrida por muitos:

[...] “**O meu pai se disser é só porque me deu a vida porque...Não tem não dá para se basear**... agora o meu tio sim, meu tio aquele eu me espelhei muito nele, no meu falecido vô também, era pai da minha mãe, aqueles ali eu tenho muita educação baseado no que você eles diziam porque eles só olhavam para mim assim, manda eu ficar quieto no meu canto quieto, eu ficava quieto no canto.[...]” (Homem Aranha)

[...] Olha, sinceramente... tá difícil, tá difícil... Não sei te dizer porque me inspirar em alguém, **a única coisa que me inspira no meu pai é a parte que ele tomou a vida dele, um domínio na vida dele para durar anos e anos, isso ele me inspirou, sabe, ele durou até os noventa e sete anos, e forte assim um homem forte, e isso aí ele me inspirou, a maneira dele, como é que eu vou dizer, se comportar no dia a dia** [...]” (Sr. Incrível)

[...] **Meu pai muito trabalhador, meu pai sempre foi muito pai, pai presente, meu pai nunca me deixou me faltar nada, meu pai me ensinava as coisas certas da vida**, meu pai não tolerava sacanagem, meu pai não gostava de ladrão, meu pai não gostava de...**apesar dele beber a reveria ele não gostava de bêbada, ele dizia que bêbado era só ele.**[...]” (Costinha)

[...]“Meu pai. Porque tudo que ele me passou até hoje eu acho que foi o certo. Segui aquele caminho reto ali, sabe? Não ir para os lados... caminho que eu digo é: droga, roubar... Ele me ensinou é aquele caminho ali então...ele é um espelho sabe?”[...] (Pablo Escobar)

Por mais que o discurso esteja alinhado ao universo reificado as práticas estão vinculadas ao universo consensual. Dessa forma, quando questionados os homens respondem dentro do que é esperado como a resposta certa, mas na análise dos prontuários e das entrevistas os comportamentos espontâneos apontam como as atitudes são embasadas:

[...] Manda chuva fez questão de falar sobre o quanto a mulher tinha e tem condutas inadequadas e o quanto ele é amado por onde passa [...] Diário de campo 25.01.2024

[...] Ficou com raiva ao dizer como se sente injustiçado, que não merecia ter passado por tudo isso. Que se tivesse batido “tudo bem”, mas não bateu. Não foi justo. É um homem bom e trabalhador [...]Diário de campo 27.01.2024

[...] Sr. Incrível estava nervoso ao ser acolhido, falava com veemência que a esposa não presta, ficou agitado mexendo no óculos que estava em suas mãos e o mesmo quebrou [...] todos tem defeito menos ele [...] Fui de família de poder, não poderia passar por essas coisas [...] Diário de campo 25.01.2024

A pauta de uma paternidade ativa é considerada urgente, enquanto no universo consensual os cuidados dos homens dentro do núcleo familiar signifiquem o controle sobre os membros do grupo de pertença teremos uma discrepância entre o que é dito e o que é feito. Mesmo que políticas públicas, legislação e os discursos do universo reificado reforcem a importância do papel do pai na criação dos filhos no senso comum ainda está cristalizado o homem como provedor financeiro, autoridade moral e o suporte da família. Reforçando o imaginário de que o homem não sofre e deve ser inabalável (Moreira e Toneli; 2013).

Questiona-se também o quanto o discurso da paternidade é mais para atender ao que se espera do que pelo que é praticado. Quando questionados sobre quem são os homens representativos da sua vida nenhum dos HAV trouxe seus filhos. Além disso, parece que ser pai e provedor aparece mais como mostra de sua potência do que o afeto envolto nessas relações. Nesse sentido, quando a mulher ou os filhos não atendem as expectativas de considera-los como *incríveis e/ou potentes* são punidos.

Para Gutmann et al (2022) os estereótipos de gênero estão vinculados em nossa cultura na dominação de homens e exploração de mulheres. Dentro do próprio processo de socialização os construtos da masculinidade perpassam noções de brutalidade e a manifestação da agressividade como parte do que é ser homem. Nesse sentido, por mais que se considere as questões de subjetividade inerentes ao ser humano, nossa herança histórica e cultural tem implicações diretas nas representações do que é ser homem para os HAV.

Alguns estudos, porém, já tem apontado para mudanças nos modelos cristalizados, exibindo transformações entre pais e filhos em razão das questões econômicas que hoje tornam cada vez mais difícil apenas o homem como provedor exclusivo, as novas configurações familiares e o desenvolvimento de pesquisas sobre o impacto da figura da paternidade ativa na constituição dos sujeitos (Moreira e Toneli; 2013).

7.3 E o que é ser mulher?

Os HAV trouxeram representações do que é ser mulher com dois temas principais: mulher como mãe – que provê e está atenta as suas necessidades; mulher como companheira: que atenda seus desejos e que fique quieta, para evitar conflitos como apresentado nas falas abaixo:

[...] A minha mulher ela trabalha fora, ela lava, ela passa, ela cozinha, ela ainda faz salgadinhos pra vender, ela faz doces pra vender...então ela se sobrecarrega. Mas acho que ser mulher é isso. **Pra mim a mulher ideal é se ela fosse muda (risos)...brincadeira. A mulher ideal pra mim é a minha porém não ser tão estressada.**(Costinha)

[...] Ser mulher não é sexo todos os dias, sexo é bom, **mas a característica de ser mulher é não brigar, é saber dialogar sabe, chegar e por exemplo, ter uma inteligência de chegar e mostrar para as pessoas, ser mais inteligente do que a outra pessoa do lado, isso pra mim é ser mulher...** é uma característica que eu visualizo muito né, porque não adianta ser mulher porque botou uma roupa bonita e tá mostrando o corpo, não, não é aí, ela tem que ter qualidade e inteligência. [...]" (Sr. Incrível)

[...]“Olha tchê... ta tão difícil ser mulher... Acho que tem que ser mulher é uma pessoa do bem, pessoa honesta não ser uma pessoa do mal, não ter inveja não ser ciumenta demais que o ciúmes destrói com tudo do relacionamento né. Ser amigo um do outro acho que o principal ser amigo e ter respeito. A mulher tem que ser tua amiga e te respeita.[...](Manda Chuva)

[...]...eu acredito que é o que ela faz sabe (fazendo referência a nova companheira). **É uma pessoa que o primeiro relacionamento fui eu**, de muitos ela nunca namorou. Eu fui a primeira pessoa, eu, ela tem vinte e sete anos... Ela é bem mais nova que eu, e... nós casamos, tchê não tenho muito

assim o que te explicar, **ela é uma pessoa ideal que eu precisava saber, ser compreensiva, entender o meu lado [...]** (Mauírcio de Souza)
 “Companheira, fiel, **hoje em dia tá difícil...**”(Homem Aranha)

[...] “Características... **ela levanta todos os dias de bom humor, quando for possível sabe? E a gente não ficar discutindo...**isso aí seria pra mim o ideal. Não ficar discutindo sabe, o que passou passou sabe...e horas invés de falar também não fala tudo que deveria de falar sabe, a gente acaba retrucando um sabe...e isso ai sabe. **Não ficar discutindo...viver juntinho, legalzinho...Sabe...isso ai que seria o ideal. Um ajudando o outro, pronto.**”(Pablo Escobar)

[...]“Companheira, amiga, sei lá, tem tantas características. Depende da mulher. Ah uma mulher ideal? **Minha mãe (risos)...ela é tudo que ela pode ser ela é. Ajuda todo mundo, tá sempre querendo me ajudar, sei lá, por livre e espontânea vontade, sem pressão nenhuma porque ela quer. Ela é uma mulher ideal pra mim né.**” [...] (Lincon)

[...]“Ah, acho que mulher é...acho que mulher é tudo de bom assim, eu gosto muito do lado feminino assim de mulher assim, **pela mulher é mais sutil, mais companheira sei lá, companheirismo pelo fato de ser mãe, esposa...** Olha...eu acho que uma pessoa carinhosa, uma amiga assim é...que era o que ela era antigamente...entende e companheira assim. Isso ai eu sinto muita falta, **são valores que agora tá difícil de construir né de reconstituir. E... acho que é isso.**”(Cebolinha)

[...]“**É, a mulher pra mim assim, a mulher tem que pegar e ajudar em casa, ajudar o filho, arrumar a casa e...** é assim, é... comprar assim, o que ela quer comprar roupa, roupa ou coisa assim, e ajudar a mãe dela, a família dela, a mãe dela também, é isso” (SS)

[...]“**pessoa calma, tranquila, não brigasse coisa que não existe.** Tanto é que eu ressabiei de casamento, 9 anos e não to com ideia de casar não. Sou capaz de viver solteiro o resto da vida só para não me incomodar.” (Apresentador da TV)

Na representação de HAV as mulheres ainda estão sendo vista como aquela que deve atender aos desejos dos mesmos, uma visão patriarcal que mesmo que na atualidade receba críticas veementes ainda está na gênese das representações dos HAV (Boris e Cesídio, 2007). Essa visão estereotipada pode intervir nas expectativas que os homens possuem e na forma violenta como respondem ao não atendimento dos seus “desejos”. O modo de conduta de um contexto social está no processo de formação das representações sociais e imprimi nelas sua herança cultural.

Podemos vislumbrar nesses relatos e nos pontos destacados no diário de campo imagens dessa mulher como alguém disponível. Nesse sentido, aqui temos a representação, para os HAV as mulheres são definidas como alguém que deveria ficar quieta, disponível, atenta aos seus desejos e que desse pouco incomodo não discutindo.

Henriques e Filho (2017) realizaram pesquisa no Rio Grande do Sul a partir da teoria das representações sociais e apresentaram o dado de que no estado a imagem

do homem gaúcho passa por força, virilidade, garra entre outros e as mulheres são segundo plano na história do estado e quando exaltadas apresentam característica desse masculino. No imaginário social a mulher perde a vez e a voz em um passado que orbita em torno do masculino. Foram utilizados conceitos de Butler (2015) que explica o sexo como implicação biológica e que o gênero é social e construído a partir dos modelos que estamos acostumadas. Como resultados foram destacados o aumento da presença de mulheres na apresentação e condução dos programas de televisão e, por tratar-se de programas do tradicionalismo gaúcho as mesmas não estarem utilizando o tradicional vestido de “prenda”. Foram apresentados três elementos a imagem das mulheres, ocultamento – objetificação e masculinização onde oculta-se outra figura gaúcha que não a de dominância, objetificação na mulher adornada como prenda com enfeite e na masculinização na forma como as apresentadoras tentaram firmar lugar de fala se pondo em posição semelhante à de figura masculina. Mesmo assim, as autoras elencam o dado importante da mídia do Rio Grande do Sul estar apresentando novas formas do ser mulher o que pode auxiliar no questionamento de representações já existentes no imaginário social.

Nesse sentido segundo Arruda (2002) tanto a teoria das representações sociais como as teorias feministas propõem teorias relacionais entre sujeito e objeto. Rompendo com o binarismo posto até então e buscando no cotidiano observar os fenômenos sociais e interação.

Ainda sobre a desigualdade de gênero, Schabbach (2020) realizou uma pesquisa sobre a reprodução simbólica das desigualdades entre homens e mulheres no Brasil e apresentou dados sobre a manutenção da imagem ainda nos dias atuais da mulher como encarregada e responsável pelo trabalho da casa, não remunerado e do homem como provedor do lar.

No cruzamento entre a violência com o gênero encontra-se o atravessador do patriarcado, que pode ser definido segundo Aguiar (2000) como um sistema de dominação e que se interpõe frente a variadas facetas da vida da mulher Brasileira. Para Saffiotti (2015), o patriarcado é explicitado com um aparelho que opera na opressão e exploração das mulheres por parte dos homens, mesmo que o patriarcado vivenciado na atualidade se distancie de décadas atrás, para autora Brasileira faz parte ainda da atualidade a validação e legitimação do crime contra as mulheres por parte dos homens por razões de domínio sobre a mesma “A vítima é transformada

rapidamente em ré, procedimento este que consegue, muitas vezes, absolver o verdadeiro réu (p.49).

O patriarcado, sendo assim, atinge a sociedade como um todo, marcando inclusive as próprias mulheres que para a mesma autora muitas vezes desconhecem questões de sexismo e são contrárias aos programas afirmativos que são construídos e pensados para a diminuição das discrepâncias de gênero.

Observa-se uma polarização no entendimento do que é o outro, no sentido de que, ou a pessoa – no caso a mulher – atende os seus desejos, em alguns momentos nem ditos, ou ela não “é confiável” como dito na fala e observado a partir do diário de campo:

[...]“De mulher... é a que eu mais tenho medo. Eu não tenho medo de violência de homem, porque a violência do homem tu vai e te agarra nele ou ele te mata ou tu mata ele, ou ele te dá um soco ou tu dá um soco nele... **a mulher não, a mulher ela é cínica nessa parte, a mulher ela é uma das partes mais cínicas que tá vendo hoje.** Que isso não pode sabe, não pode... tu não pode me agredir com palavras, tu não pode me agredir com a mão... e a mulher faz isso sabe, a mulher ela te agride, ela te humilha, vejo vários homens sendo humilhados e eles não podem fazer nada porque o mesmo que ele fizer para ela ele recebe a Maria da Penha, então eu sou a favor a Maria da Penha, mas tem que ter uma correção nisso aí... é que nem um pedestre chegar numa faixa de pedestre e dizer assim, aqui é minha faixa e cruza...” (Sr. Incrível)

[...] Maurício de Souza diz que fez tudo que podia, **que a ex mulher era louca e não o valorizou. Viviam bem, até que a sogra se meteu.** E o celular, esse é o problema que desvia a mulher [...] Diário de campo 25.01.2024.

Nesse sentido, existe a representação de que as suas mães é que foram perfeitas, o serviam de forma integral e nela eles tinham compreensão total. Essa visão polar da mulher como totalmente disponível vai ao encontro do conservadorismo do patriarcado ainda presente nos dias de hoje. Esse movimento acaba por subordinar a mulher interferindo diretamente nas suas subjetividades (Rodrigues et al; 2018)

[...] “Ah a minha mãe era tudo de bom. **A minha mãe era a pessoa mais maravilhosa do mundo, a minha mãe eu conhecia ela no caso com o olhar,** se eu olhasse assim pra mãe no olho eu já sabia o que a mãe queria. O que que a mãe não gostou, o que a mãe quer dizer..” (Costinha).

[...] “A minha que me atura até hoje to com ela...(risos) e a minha mãe, que até hoje nunca me abandonou. Se eu pudesse ter minha mãe pra sempre, sempre gostaria de ter ela. Tudo. Tudo que ela pode fazer cada vez que eu vou pra lá, ela faz sabe? Tenta sempre fazer o melhor e ela já tá com 70 então tem um certo sacrifício já mas, **ela sempre faz o melhor pra mim. Tenho tudo lá... sei lá, tudo.** .” (Pablo Escobar)

[...] “Minha mãe, uma guerreira uma amiga, sempre querendo o meu bem. Seu dou uma tossida já quer saber se estou bem, me dando um xarope, é uma mãe mesmo. As minhas irmãs, a mais velha principalmente minha amiga conselheira, sempre me apoiou me ajudou muito nos momentos mais difíceis, né. **Minha esposa hoje que é uma segunda mãe para mim, que faz tudo**

para mim, me ajuda né, me auxilia bastante, e é isso aí. De mulheres é isso aí” (Maurício de Souza)

[...] “Acho que a minha mãe né, a minha mãe, minha sogra que já é falecida que foi uma pessoa bem guerreira assim... Ela sempre foi muito lutadora, no caso né, embora ela não me deu muita assistência também com o meu pai que não tinha muito o que fazer né, mas sempre quando nos problemas, nas separações ela sempre me apoio né. **Ela sempre me apoio, quando eu cai na cadeia ela batalhou pra me tirar de lá né, então, ela sabia que eu sou uma pessoa boa nunca fiz nada errado na minha vida né, foi o momento mais triste da minha vida.** Custei pra superar um pouco isso (Cebolinha)

[...] “Ah minha mãe. Minhas irmãs. O que eu vou dizer sobre a mãe (risos, demonstração de afeto) **ela faz tudo pra mim. Não tenho muito o que dizer, tudo que eu preciso ela faz pelo contrário está recusando as coisas pra não pegar dela faz assim desse jeito, ainda acha que eu tô com um ano de idade ainda.**” (Apresentador da TV)

São inexistentes na literatura estudos que tragam a representação social de HAV sobre o que é ser mulher, mas uma revisão de literatura acerca das representações sociais da mulher na literatura científica apresentou dados de que ainda na atualidade a maternidade e gestação (Costa et al; 2022)

Existe nos dados uma aparente discrepância entre a idealização da mãe como alguém que deve ser “adorada”, mas as mães dos seus filhos são mulheres que devem atender aos desejos deles. Ao que parece, toda angústia sofrida por ter visto suas mães sofrerem múltiplas violências não é acessado na hora de ser um perpetrador VCM. Existe nesse sentido uma polarização: ou a mulher é idealizada e perfeita ou ela “não é confiável e não presta”. Por mais que tenhamos alteração no discurso a prática é ancorada nas representações de que as mulheres devem estar ao seu dispor.

A procura pelo familiar nas situações tendem ao conservadorismo, para o grupo social dos HAV indica a compreensão de que a representação do que é ser homem e mulher ainda permanece alicerçado nas crenças de gênero. Por essa razão é necessário cada vez mais ampliar as atividades de prevenção de todas as formas de violência. Buscar educar e aprofundar os conhecimentos desde os meninos pequenos visando fazer frente contra a banalização da violência.

O tema da violência doméstica e as representações dos HAV acerca do que é ser homem e de como é ser um homem operam de forma cognitiva, mas são relacionadas ao afeto, tendo em vista que acionam emoções e memórias de suas histórias familiares. A construção da masculinidade está fortemente pautada na aceitação social do controle do homem sobre a mulher. Por isso segundo Novaes; Freitas; Beiras (2018) as punições feitas as mulheres são socialmente aceitas ainda,

por justificarem a agressão feita pelos homens. Infelizmente, o descontrole emocional por parte dos homens ainda é parte do que se aceita como masculinidade.

É possível, a partir dos dados coletados observar o papel das RS na temática da violência a partir dos discursos dos HAV, elas estão servindo para nortear comportamentos, justificar atitudes e nomear situações. Fazem sentido na história dos HAV porque tem consonância com o que o contexto social dos mesmos considera assertivo e verdadeiro (Moscovici, 2015).

De igual forma, nota-se que a banalização das atitudes violentas tem relação com o estar eclipsado por um conceito, não refletindo sobre o mesmo e tomando comportamentos como comuns e até esperados.

8 Considerações Finais

Ao concluir a presente pesquisa, entende-se que foram atendidos e alcançados os objetivos inicialmente propostos. Foi possível apreender as representações do que é ser homem e do que é ser mulher para os HAV. Além disso, também pode-se conhecer como os comportamentos violentos estão relacionados com as histórias de vida dos HAV e como os mesmos compreendem suas atitudes violentas.

Conclui-se que a tese inicialmente elaborada - *As representações sociais do que é ser homem e ser mulher e da violência são pilares para os comportamentos violentos por parte dos HAV, pois estes atribuíram marcadores sociais de gênero (força, responsabilidade e virilidade) como características do que é ser homem e (cuidado com a família e com os filhos) como características do que é ser mulher. Sobre violência os HAV consideram que foram injustiçados e conferem as mulheres a responsabilidade do ato violento praticado por eles. Além deste, em alguns acontecimentos, eles endossam a prática da violência considerando-a como louvável. Ou seja, os mecanismos psíquicos de construção das representações, em seus aspectos sociocognitivos (processamentos de informação), coadunam com a funcionalidade, criação e manutenção das práticas violentas destes* – foi reconhecida, pois, segundo a TRS as representações possuem função de nomear e também prescrever as atitudes que são tomadas nos cotidianos.

Também podemos notar o impacto que existe na vida dos HAV o sofrimento de violências na sua infância e as tensões que foram geradas nos ambientes familiares acabaram sendo banalizadas em suas histórias de vida. Em uma transferência dentro do contexto social.

Além disso, observou-se o quão danoso é para as relações o abuso do álcool e que o mesmo age como potencializador dentro das dinâmicas dos casais, os HAV representaram o uso do álcool como algo que lhes levou sonhos, conquistas e também fez com que perdessem o controle em alguns momentos.

Em contra partida, eles atribuem significado positivo a terem sofrido violência física por parte dos genitores, justificando que fizeram o que deveria ser feito e que terem sido castigados os tornou pessoas melhores, incluindo em seu “vocabulário” de relação a possibilidade de “bater” para tornar o outro melhor. Infelizmente, a violência sofrida por eles ainda é considerada como passiva de gerar bons frutos.

Sobre mulheres os HAV as apresentaram como figuras de cuidado, de atenção aos seus desejos a figura mais representativa foi a mãe. Nesse sentido, algumas expectativas impostas as suas companheiras são abastecidas pelas atitudes que eles reforçam terem recebido por suas mães. Observa-se aqui a crueldade do patriarcado que abastece de forma feroz as cobranças sobre as mulheres.

O referencial teórico da TRS foi significativo para compreensão desse estudo, tendo em vista que ele objetiva conhecer o que se dá no cotidiano das pessoas e suas compreensões sobre os temas. Foi possível apreender a discrepância entre alguns discursos e as práticas mostrando que as representações dão sustento a algumas atitudes mesmo que elas sejam condenadas.

Nota-se de igual forma que as representações de ser homem, mulher e sobre violência são convergentes e acabam por fomentar a manutenção das mesmas. Se retroalimentam e são basilares para adoção de alguns comportamentos de forma que em alguns momentos o ser homem, mulher e violência se atravessam. Estando implicado em ser homem o ser violento para se manter homem, e implicado em ser mulher aceitar essa violência.

As limitações destes usos foram as dificuldades na realização de novas coletas em função das questões da pandemia de COVID-19. A escassez de estudos utilizando a TRS com HAV também se mostrou como um complicador, dificuldade a discussão dos resultados.

Com estes resultados é possível reforçar frente a comunidade a necessidade de dar continuidade aos grupos reflexivos para HAV por serem uma ferramenta potente no enfrentamento da VCM. Além destes é necessário divulgar dentro dos serviços de saúde e assistência social os dados aqui apresentados de forma a colaborar na compreensão do fenômeno multifacetado da VCM evitando as generalizações que tanto ferem as mulheres em situação de violência.

É necessário a realização e mais pesquisas utilizando a TRS com homens para conhecer outros pontos sobre as representações sociais do que é ser homem para diferentes grupos. Sugere-se também a realização de estudos a partir da abordagem

estrutural visando aproximar-se dos elementos contidos dentro de cada eixo: homem, mulher e violência.

Referências

AFFLECK, William; CARMICHAEL, Victoria; WHITLEY, Rob. Men's mental health: Social determinants and implications for services. **The Canadian Journal of Psychiatry**, v. 63, n. 9, p. 581-589, 2018.

AGUIAR, Luiz Henrique Machado de. **Follow-up de uma intervenção com homens autores de violência conjugal. 2009**. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) -Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; TRINDADE, Zeidi Araújo. ORG. **Teoria das representações sociais: 50 anos. 2**. Ed. Revista Brasília: Technopolitik, 2019

ANTEZANA, Alvaro Ponce. Intervenção com homens que praticam violência contra seus cônjuges: reformulações teórico-conceituais para uma proposta de intervenção construtivista-narrativista com perspectiva de gênero. **Nova perspectiva sistêmica**, v. 21, n. 42, 2012. doi:10.38034/nps.v21i42.121. 2012

ARRUDA, Angela. **Teoria das representações Sociais e teorias de gênero**. Cadernos de Pesquisa, n. 117,p. 127-147, 2002. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000300007>

BALBINOTTI, Izabele. **A violência contra a mulher como expressão do patriarcado e do machismo**. REVISTA DA ESMESC, v.25, n.31, p. 239-264, 2018. DOI: <https://doi.org/10.14295/revistadaesmesc.v25i31.p239>. Disponível em: <https://revista.esmesc.org.br/re/article/viewFile/191/165> Acesso em: 06/04/2023.

BANCHS, María A. Alternativas de apropiación teórica: abordaje procesual y estructural de las representaciones sociales. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 1, n. 2, p. 39-60, 2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo, SP: Edições 70, 2016.

BEIRAS, Adriano Beiras; MARTINS, Daniel Fauth Washington. SOMMARIVA, Salete Silva; HUGILL, Michelle de Souza Gomes. **Grupos reflexivos e responsabilizantes para homens autores de violência contra mulheres no Brasil: mapeamento, análise e recomendações**. [recurso eletrônico] / Dados eletrônicos. - Florianópolis: CEJUR, 2021. Modo de acesso: ISBN: 978-65-87982-06-9 1. Violência doméstica. 2. Políticas públicas. I.

BRASIL. **Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 18 jul. 2018.

BRASIL. **Lei n. 13.984, de 3 de abril de 2020**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/L13984.htm. Acesso em: 30/01/2023.

BRASIL. **Plano Nacional de Políticas para as Mulheres**. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2011.

BRASIL. Senado. **Projeto de Lei nº 2325/2021 de 01 de junho de 2021. Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), e o Decreto-Lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941 (Código de Processo Penal), para, respectivamente, excluir os crimes de violência doméstica e familiar contra a mulher e o feminicídio das circunstâncias atenuantes e redutoras de pena relacionadas à violenta emoção e à defesa de relevante valor moral ou social; e para vedar o uso da tese da legítima defesa da honra como argumento para absolvição, pelo tribunal do júri, de acusado de feminicídio**. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/148901> Acesso em: 20/01/2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos**. Brasília: Diário Oficial da União, 2013.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Brasília: Diário Oficial da União, 2016. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf>> Acesso em: 09 abr. 2019.

BRASILEIRO, Anais Eulálio; MELO, Milena Barbosa. **Agressores na violência doméstica: um estudo do perfil sociojurídico**. *Revista de Gênero, Sexualidade e Direito*. Campina Grande, v. 2, n. 2, p. 189-208, 2016. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/revistagsd/article/view/1373/1802>. Acesso em: 27/03/2023

BRUHN, M.; Lara, L. **Rota crítica: a trajetória de uma mulher para romper o ciclo da violência doméstica**. *Rev. Polis e Psique*, 2016; 6(2): 70 – 86

CAMPOI, Isabela Candeloro. **O livro “Direitos das mulheres e injustiça dos homens” de Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX**. *História* (São Paulo) v.30, n.2, p. 196-213, ago/dez 2011 ISSN 1980-4369. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/rxXDkxX8hshjGT9vsDwbndx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12/05/2023.

CARPANEZ, Thársia Girardi; LOURENÇO, Lélío Moura; DE CASTRO BHONA, Fernanda Monteiro. **Violência entre parceiros íntimos e uso de álcool: estudo qualitativo com mulheres da cidade de Juiz de Fora-MG**. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 14, n. 2, p. 1-18, 2019.

CERQUEIRA, Daniel Ricardo de Castro Coordenador et al. **Atlas da Violência 2018: políticas públicas e retratos dos municípios brasileiros**, 2018. Disponível em https://a.storyblok.com/f/134103/f6dad60f2d/180614_atlas_2018_retratos_dos_municipios.pdf. Acesso em 18 de jun. 2024.

CHAI, Cássius Guimarães; SANTOS, Jéssica Pereira dos; CHAVES, Denisson **JUDICIÁRIO, DE PRETENSOPROTETOR A EFETIVO AGRESSOR**. ISSN 1981-3694(DOI): 10.5902/1981369429538. Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM v. 13, n. 2/2018 p.640-665. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revistadireito/article/view/29538/pdf> Acesso em: 02/08/2023

CFP – Conselho Federal de Psicologia. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. CFP, 2014. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Co%CC%81digo-de-%C3%89tica.pdf>> Acesso em: 09 abr. 2019.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, abr. 2013.

DOMINGUES, Priscila da Silva; GOSMELL, Antonio Marcos Tosoli; OLIVEIRA, Denize Cristina de. **Representações sociais de homens sobre o ser homem e suas implicações para o HIV/AIDS**. Rev. Enferm. UERJ, Rio de Janeiro, 2016; 24(6): e8779. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2016.8779>. Disponível em: <https://www.ePublicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/viewFile/8779/20389>. Acesso em: 05/04/2023.

DRUMONT, M.P. **Elementos para uma análise do machismo**. Perspectivas. São Paulo. 3: 81-85, 1980.

DUTRA, Maria de Lourdes; PRATES, Paula Licursi; NAKAMURA, Eunice; VILLELA, Wilza Vieira. (2013). **A configuração da rede social de mulheres em situação de violência doméstica**. Ciência & Saúde Coletiva, 18(5), 1293-1304. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013000500014>

GEDRAT, Dóris Cristina; SILVEIRA, Eliane Fraga da; NETO, Honor de Almeida. **Perfil dos parceiros íntimos de violência doméstica: uma expressão da questão social brasileira**. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 138, p. 342-358, maio/ago. 2020. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.216>.

GIRALDO, Octavio. **El machismo como fenômeno psicocultural**. Revista Latinoamericana de Psicologia. 1972. Volunen 4 nº 3. 295-309. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/805/80540302.pdf>. Acesso em: 23/01/2023.

GOMES, Nadirlene Pereira; FREIRE, Normélia Maria. Vivência de violência familiar: homens que violentam suas companheiras. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 58, p. 176-179, 2005.

GREGORI, Maria Filomena. **Cenas e queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista**. São Paulo: ANPOCS, 1993.

GRIZOTTI, Giovani; GALLO, Ricardo. **EXCLUSIVO: juiz é acusado de violência física, sexual e psicológica e proibido de se aproximar da mulher; vídeos mostram agressões**. RBS TV e G1, São Paulo, 27/03/2023. Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/03/27/exclusivo-juiz-e-acusado-de-violencia-fisica-sexual-e-psicologica-e-proibido-de-se-aproximar-da-mulher-videos-mostram-agressoes.ghtml> Acesso em: 27/03/2023

GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVICH, Sandra. Textos em representações sociais. In: **Textos em representações sociais**. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GUTMANN, Victoria Leslyê Rocha et al. Representação social da violência de homens e mulheres usuários da estratégia saúde da família. **Rev. Pesqui.(Univ. Fed. Estado Rio J., Online)**, p. e10956-e10956, 2022. Disponível em <https://pesquisa.bvsalud.org/gim/resource/zh/biblio-1361668?lang=pt>.

HEMMI, Ana Paula Azevedo; BAPTISTA, Tatiana Vargas de Faria; REZENDE, Mônica de. **O processo de construção da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem**. Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 30(3), e300321, 2020. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300321>.

IBGE. **Estatísticas de Gênero Indicadores sociais das mulheres no Brasil**. Estudos e Pesquisas • Informação Demográfica e Socioeconômica • n.38. ISBN 978-65-87201-51-1. 2021 Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf Acesso em: 20/04/2023

JOVCHELOVIT, Sandra. **Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura**. Tradução Pedrinho guareschi. 2. Ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2011.

LEMOS, Duília Sodrês Carvalho Lemos. **Homens autores de violência e a representação social sobre a participação em grupos reflexivos**. 2020. 111f Dissertação de Mestrado- Programa de Pós Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

LEMOS, Fernanda. **A representação social da masculinidade na religiosidade Contemporânea**. Netmal in Revista 2008.

LEMOS, D. S. C.; OLIVEIRA, G. S. M. M. **Relato de experiência sobre trabalho realizado com homens autores de violência na cidade de Pelotas/RS**. In: V SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, GT3 – Violência de Gênero. Universidade Estadual de Londrina, 2018. Anais... Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/anais/v-simposio-genero-e-politicas-publicas.php>. Acesso em: 09 abr. 2019.

LOBO, Janaína Campos. **Uma outra pandemia no brasil: As vítimas da violência doméstica no isolamento social e a “incomunicabilidade da dor”**. TESSITURAS | Revista de Antropologia e Arqueologia | ISSN 2318-9576 versão *online*. Programa de Pós-Graduação em Antropologia | UFPEL. V8 | S1 | JAN-JUN 2020. Pelotas | RS. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/article/view/1034> Acesso em:03/04/2023.

LUCENA, Kerle Dayana Tavares et al. Análise do ciclo da violência doméstica contra a mulher. **J. Hum. Growth Dev.**, vol.26 no.2 São Paulo 2016.

<http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.119238>. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0104-12822016000200003&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 03/04/2023.

MADUREIRA, A.B.; RAIMONDO, M.L.; FERRAZ, M.I.R.; MARCOVICZ, G.V.; LABRONICI, L.M.; MANTOVANI, M.F. **Perfil de homens autores de violência contra mulheres detidos em flagrante: contribuições para o enfrentamento.** Escola Anna Nery Revista De Enfermagem 18(4) OUT-DEZ 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/jYG3vKc6tRx8dtGstt3spmB/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28/03/2023.

LOPES, Paulo Victor Leite; LEITE, Fabiana. Atendimento a homens autores de violência doméstica: desafios à política pública. **Rio de Janeiro: iser**, 2013. 164p.

LUCENA, Kerle Dayana Tavares de; DEININGER, Layza de Souza Chaves Deininger; COELHO, Hemílio Fernandes Campos; MONTEIRO, Alisson Cleiton Cunha; VIANNA, Rodrigo Pinheiro de Toledo; NASCIMENTO, João Agnaldo. Análise do ciclo da violência doméstica contra a mulher. **J Hum Growth Dev.** 26(1): 139-146.

MADUREIRA, Alexandra Bittencourt; MANTOVANI, Maria de Fátima; SILVA, Ângela Taís Mattei da; SOUZA, Pollyana Bahls de; FERRAZ, Maria Isabel Raimondo; RAIMONDO, Maria Lúcia. **Representações sociais de homens agressores denunciados acerca da violência contra a mulher.** Rev. Bras. Enferm. 73 (2) • 2020 • <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0824> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/VHWWG3RDtpf3tc4nMFNsVRn/?lang=pt> Acesso em: 05/04/2023.

MARTINS, Aline Gomes; NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso do. Violência doméstica, álcool e outros fatores associados: uma análise bibliométrica. **Arq. bras. psicol.** vol.69 no.1 Rio de Janeiro 2017

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Laços perigosos entre machismo e violência.** Ciênc. saúde coletiva 10 (1) • Mar 2005 • <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000100005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/gvk6bsw36SPbzckFxmN6Brp/?lang=pt#>. Acesso em: 04/04/2023.

MINAYO, M C. S.; SOUZA, E. R. **É possível prevenir a violência?** Reflexões a partir do campo da saúde pública. *Ciência saúde coletiva*, v. 4, n. 1, p. 7-23, 1999.

MINAYO, M. C. S. Violência e saúde. Versão *online*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. **Temas em Saúde collection.** 132 p. ISBN 978-85-7541-380-7. Available from SciELO Books. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/y9sxc/pdf/minayo-9788575413807.pdf> Acesso em: 31/03/2023.

MOREIRA, Lisandra Espíndula; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Paternidade responsável: problematizando a responsabilização paterna. **Psicologia & Sociedade**, 25(2), 388-398, 2013.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 11ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MOSCOVICI, S. **La psychanalyse: son image et son public**. Paris: PUF; 1961

MOSCOVICI, S. **Psicologia das Minorias Ativas**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2011.

MOURA, Julliane Quevedo et al. Homens autores de violência contra mulher: Um estudo descritivo. **Contextos Clínicos**, 2020. doi: 10.4013/ctc.2020.131.09.

MURARO, Rose Marie. Introdução. In: KRAEMER, Heinrich; SPRENGE, James. **O martelo das feiticeiras**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2015.

NOTHAFT, R. J.; BEIRAS A. **O que sabemos sobre intervenções com autores de violência doméstica e familiar?** Revista Estudos Feministas, 2019, Florianópolis, 27(3): e56070 DOI: 10.1590/1806-9584-2019v27n356070

NOTHAFT, Raíssa Jeanine; LISBOA, Teresa Kleba. As intervenções com autores de violência doméstica e familiar no Brasil e suas relações com a Lei Maria da Penha. **cadernos pagu**, p. e216119, 2021. <https://doi.org/10.1590/18094449202100610019>.

NOVAES, Rodrigo Caio de Padula; FREITAS, Guilherme Arthir Possagnoli; BEIRAS, Adriano. Produção Científica Brasileira Sobre Homens Autores de Violência - Reflexões a partir de uma Revisão Crítica de Literatura. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n.51, p.<154-176>, jan/jun, 2018

OLIVEIRA, I. V. **Homem é homem: narrativas sobre gênero e violência em um grupo reflexivo com homens denunciados por crimes da Lei Maria da Penha**. 2016. 126pgs. Dissertação (Mestrado Antropologia Social do Departamento da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas), Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-23082016-133509/publico/2016_IsabelaVenturozaOliveira_VOrig.pdf Acesso em: 28/03/2023

OLIVEIRA, Kátia Lenz Cesar de; GOMES, Romeu. Homens e violência conjugal: uma análise de estudos brasileiros. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, p. 2401-2413, 2011.

PACHECO, Maria Luiza Leal et al. Violência contra as mulheres e Teoria das Representações Sociais: revisão integrativa. **PSI UNISC**, v. 6, n. 2, p. 174-198, 2022.

PADILHA, Carolin Rizzatto Martins; Barbieri Valeria. Transmissão psíquica transgeracional: uma revisão da literatura. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 52.1, p. 243-270, 2020

OLIVEIRA PAZ, Potiguara et al. Vulnerabilidade de mulheres em situação de violência atendidas em serviço especializado. **Aquichan**, v. 19, n. 2, p. 2, 2019.

PELOTAS. **Resolução nº 3 de 2014**. Conselho Municipal dos Direitos da Mulher. Disponível em:

<http://www.pelotas.com.br/storage/conselhos/mulher/Resolucao_03_RededeProtecao.pdf> Acesso em: 09 abr. 2019.

PINHEIRO, Letycia Maria Santana; ANDRADE, Thais Afonso. Perfil de homens autores de violência contra as mulheres: revisão sistemática da literatura brasileira. **Psic. Rev. São Paulo**, volume 32, n. 1, 82-101, 2023

PINTO, Céli Regina Jardim. **SAFFIOTI REVISITADA: a atualidade do enfrentamento entre feminismo e capitalismo**. DOSSIÊ • Cad. CRH 33 • 2020 • <https://doi.org/10.9771/ccrh.v33i0.37977>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/yySFLXmnM3nN7NhH3mKmSrv/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 07/04/2023.

RAMOS, Brenda Arrais; DOS SANTOS MORAIS, Dayane; DOS SANTOS, Adriano Carrasco. A violência contra a mulher no Brasil: uma análise do aumento do número de casos de feminicídio no Brasil em momento pandêmico. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 12, p. e257111234453-e257111234453, 2022.

RIVEMALES, M. da C. C.; RODRIGUES G. R. S.; PAIVA, M. S. **Técnicas projetivas gráficas: aplicabilidade na pesquisa em representações sociais – revisão sistemática**. Online Brazilian Journal of Nursing, Vol 9, No 2 (2010)

SÁ, CP. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ; 1998.

SAFFIOTI, Heleith. **A mulher na sociedade de classes: mitos e realidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1979.

SAFFIOTTI, H. I. B. **Gênero, Patriarcado e Violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTTI, H. I. B. **Gênero patriarcado violência**. 2.ed.—São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015. 160p. Indexado em GeoDados - <http://www.geodados.uem.br>. ISBN 978-85-7743-262-2 1. Patriarcado. 2. Mulheres – Violência. 3. Relações de gênero. I. Título.

SANTOS, Larissa Lessa et al. O isolamento social como gatilho para a violência contra mulheres na vivência de pandemia. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, p. e719986104-e719986104, 2020. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i8.6104>.

SCOBERNATTI, G. **Entre amores invisíveis e silenciados**: Histórias de abusadoras sexuais. Pelotas: EDUCAT, 2012. 131 p.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. **Educação e Realidade**. v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SCOTT, Juliano Beck; OLIVEIRA, Isabel Fernandes de. Perfil de homens Autores de Violência Contra a mulher: Uma Análise Documental. **Revista de Psicologia da IMED**, vol. 10, n. 2, p. 71-88, 2018. ISSN 2175-5027

SCOTT, J. B.; OLIVEIRA, I. F. (2021). Grupos reflexivos para homens autores de violência doméstica: Estudo comparativo a partir de três programas brasileiros. **Psicologia: Teoria e Prática**. 23(1), 1–26. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v23n1/pt_v23n1a07.pdf. Acesso em: 23/03/20223

SCHABBACH, LETÍCIA MARIA. **OPINIÃO PÚBLICA**. Campinas, vol. 26, nº 2, maio-agosto, p. 323-350, 2020.

SILVA, Rafael Pereira; MELO, Eduardo Alves. Masculinidades e sofrimento mental: do cuidado singular ao enfrentamento do machismo?. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 4613-4622, 2021.

SILVA, Lídia Ester Lopes da; OLIVEIRA, Maria Liz Cunha de. **Características epidemiológicas da violência contra a mulher no Distrito Federal**. 2009 a 2012. *Epidemiol. Serv. Saude*, Brasília, 25(2):331-342, abr-jun 2016. doi: 10.5123/S1679-49742016000200012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/Qjzmx9JzZsqGSqL4gDBZdxF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26/03/2023

SPINK, Mary Jane P. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 9, p. 300-308, 1993.

STREY, Marlene Neves. **Gênero**. In: *Psicologia Social Contemporânea*. In: Jacques MGC et al (Org.). Petropolis, RJ: Vozes, 2013. 262p

TAUFNER, Ingrid Mischiatte. O atendimento a homens autores de violência contra a mulher: entre negações e justificativas. **Anais do Encontro Internacional e Nacional de Política Social**, v. 1, n. 1, 2020.

TONELI, Maria Juracy F.; BEIRAS, Adriano; RIED, Juliana. Homens autores de violência contra mulheres: políticas públicas, desafios e intervenções possíveis na América Latina e Portugal. **Revista de Ciências Humanas**, v. 51, n. 1, p. 174-193, 2017.

TOSOLI, Antônio Marcos Gomes et al. **A teoria das representações sociais e sua abordagem processual: reflexões, desafios e possibilidades**. In: *Representações Sociais e Saúde: teoria, pesquisas e práticas*. In: Oliveira JF et al (Org.). Salvador: Devires, 2022. 265p

United Nations Development Programme (UNDP). Human Development Report Office (HDRO). **Human Development Perspectives: Breaking down gender biases, Shifting social norms towards gender equality**. New York, NY 10017 USA. 2023. Disponível em: <https://hdr.undp.org/system/files/documents/hdp-document/gsni202303pdf.pdf> Acesso em: 19/07/2023

VARGAS, Ivete Machado; MACHADO, Madgéli Frantz. Grupo reflexivo de gênero- uma experiência exitosa para a prevenção, atenção e enfrentamento à violência doméstica contra a mulher. In: ALVES, Cornélio; MARQUES, Deyvis de Oliveira (Org.). **Leituras de direito: violência doméstica e familiar contra a mulher** – Natal: TJRN, 2017. 380 p. Livro digital. Disponível em: https://www.tjdft.jus.br/informacoes/cidadania/nucleo-judiciario-da-mulher/parceiros/material-informativo-e-instrucional/fonavid_-_leituras-de-direito-violencia-domestica-e-familiar-contra-a-mulher-edicao-2017.pdf Acesso em: 19/07/2023

VASCONCELOS, Cristina Silvana da Silva; CAVALCANTE, Lília lêda Chaves. Caracterização, reincidência e percepção de homens autores de violência contra a mulher sobre grupos reflexivos. **Psicologia & Sociedade**, 31, e179960

VIEIRA, Pâmela Rocha; GARCIA, Leila Posenato; MACIEL, Ethel Leonor Noia. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? **Rev. bras. Epidemiol**, V.23, 2020. <https://doi.org/10.1590/1980-549720200033>.

Zillmer, Juliana Graciela Vestena; Díaz-Medina, Blanca Alejandra. Revisión Narrativa: elementos que la constituyen y sus potencialidades. **J Nurs Health.**, v.8, n.1, 2018. DOI: <https://doi.org/10.15210/jonah.v8i1.13654>.

Apêndices

Apêndice A

Roteiro Entrevista

Entrevista Discursiva com os participantes

I- Identificação do participante

Data da entrevista:

Nome do entrevistado:

Idade:

Formação/Escolaridade:

Estado civil:

Raça/etnia:

Renda:

Tempo de relação:

II- Roteiro de perguntas:

1. Inicialmente gostaria que você me contasse como foi sua chegada até o NACA?

2. Homem

2.1 O que é ser homem para você?

2.2 Conte-me quais são os homens mais representativos na sua vida?

2.3 O que é ser um homem ideal?

2.4 Quais os objetivos de vida você gostaria de atingir?

3 Mulher

3.1 E o que é ser mulher para você?

3.2 Como descreverias uma mulher ideal?

3.3 Quais são as mulheres representativas em sua vida, por quais razões?

3.4 E quais os objetivos de vida de sua companheira? Eram ou são os mesmos que o seu?

4 Violência

4.1 Como você descreve o que é violência?

4.2 Quais os acontecimentos de violência mais lhe atingem?

4.3 Você já vivenciou experiências violentas, quais?

4.4 Em sua perspectiva quais as formas de prevenir violência;

5 Convívio social e atendimentos em saúde

- 5.1 Qual foi o último serviço de saúde que você utilizou? Por que utilizou?
- 5.2 Quais suas formas de buscar lazer?
- 5.3 Em sua opinião o que é resolução de conflitos?
- 5.4 Em sua opinião o que é paz?
- 5.5 Como resolves seus conflitos?
- 5.6 O que são drogas? Você usa? Quais? Qual a importância em sua vida?
- 5.7 Para finalizarmos, o que o NACA representou em sua vida sobre tudo isso que conversamos?

Apêndice B

Carta de Anuência

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
CARTA DE ANUÊNCIA PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA**

Ilma Sra. Coordenadores do Núcleo de Atenção à Criança e ao Adolescente – NACA

Ao cumprimentá-la cordialmente, eu Duília Sedrês Carvalho Lemos mestranda do Programa de Pós-graduação em enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, venho por meio desta apresentar a pesquisa, intitulada: “A representação social de homens autores de violência sobre: homem, mulher e violência”, a presente pesquisa será apreciada como requisito parcial para obtenção do título de mestre em ciência da saúde e está sob a orientação da professora Dr^a Michele Mandagará de Oliveira. E solicitar vossa autorização para a realização da pesquisa nas dependências do NACA em Pelotas. A pesquisa tem como objetivo principal: Conhecer a representação social de homens que participaram de grupos reflexivos sobre: homem, mulher e violência. Mediante a autorização desta, será realizado 1 encontro para coleta de dados com cada participante (10 participantes), totalizando 10 encontros de em média uma hora de duração. Respeitando os princípios éticos em pesquisas com seres humanos, esta pesquisa está pautada nas resoluções 466/2012, 510/2016 e no Código de Ética Profissional da Psicologia (CFP 2005). Será submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisas (CEP) e a coleta de dados iniciará após o recebimento do parecer favorável do CEP.

Contamos com a sua colaboração, e desde já agradecemos e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos.

Pesquisadora responsável: Duília Sedrês Carvalho Lemos

e-mail: duilia.carvalho@gmail.com – telefones: 984086900 e 981325873

Orientadora: Michele Mandagará de Oliveira

e-mail: mandagara@hotmail.com – telefone: 981193748

Sem mais para o momento.
Pelotas 30 de novembro de 2018.

.....
Duília Sedrês Carvalho Lemos
Pesquisadora

.....
Michele Mandagará de Oliveira
Orientadora
Ciente

.....
Gisele Scobernatti
Coordenadora Técnica do Núcleo de Atenção à Criança e ao Adolescente

Apêndice C

TCLE

Universidade Federal de Pelotas
Faculdade de Enfermagem
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem

Orientadora: Michele Mandagará de Oliveira

Orientanda: Duília Sadrês Carvalho Lemos

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Gostaríamos, respeitosamente, por meio do presente, lhe convidar participar e colaborar com a pesquisa intitulada: “A representação social de homens autores de violência sobre: homem, mulher e violência”, que será realizada com homens que participaram dos grupos reflexivos que aconteceram junto ao Núcleo de Atenção a Criança e ao Adolescente na cidade de Pelotas nos anos entre 2015 e 2018. Esta pesquisa tem como objetivo principal: Conhecer a representação social de homens que participaram de grupos reflexivos sobre: homem, mulher e violência.

PROCEDIMENTOS: Será realizado um encontro nas dependências do Núcleo de Atenção a Criança e ao Adolescente – NACA em horários previamente combinados e agendados. As entrevistas serão gravadas em áudio, mas sua identidade será preservada, no momento da transcrição dos dados o material produzido em nosso encontro será apresentado como material do Participante X (1,2,3...) Os resultados serão usados apenas para fins científicos e estarão à sua disposição sempre que solicitar.

RISCOS: O estudo não desencadeará riscos físicos, pois não será realizado nenhum procedimento doloroso ou coleta de material biológico. Contudo, como risco para o participante do estudo, a entrevista poderá gerar desconforto ao rememorar situações delicadas vivenciadas no passado e para minimizar o risco as perguntas poderão ser respondidas na totalidade ou em parte, sem prejuízo para o senhor, caso seja observado por parte do pesquisador ou explicitado pelo Senhor a necessidade de

atendimento psicológico serão realizadas orientações sobre os serviços de saúde mental disponíveis no município de Pelotas.

BENEFÍCIOS: O benefício direto para os participantes deste estudo será a troca a partir da entrevista e a possibilidade de elaborar respostas a partir de sua escolha e recebendo escuta sigilosa e disponível. Como benefício indireto será sua contribuição para construção de conhecimento nessa área nova ainda no Brasil e que objetiva tornar o trabalho junto aos homens autores de violência mais efetivo e construtivo.

PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA: Como já me foi dito, minha participação neste estudo será voluntária e poderei interrompê-la a qualquer momento, se eu assim o desejar, sem prejuízo algum no meu atendimento neste serviço de saúde.

CONFIDENCIALIDADE: Estou ciente que a minha identidade permanecerá confidencial durante todas as etapas do estudo, meu anonimato será assegurado pelo uso de números (participante 1). Sendo que os resultados serão transcritos e analisados com responsabilidade e honestidade e usados exclusivamente para fins científicos.

CONSENTIMENTO: Pelo presente consentimento informado, declaro que fui esclarecido, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos riscos e dos benefícios de minha participação na presente pesquisa. A pesquisadora respondeu à todas as minhas perguntas até a minha completa satisfação. Portanto, estou de acordo em participar da pesquisa. Este formulário de Termo Consentimento Livre e Esclarecido será assinado por mim em duas vias ficando uma em meu poder e a outra com o pesquisador responsável pela pesquisa.

Assinaturas:

Participante da Pesquisa

Orientador

E-Mail:mandagara@hotmail.com

Tel: 53 98119-3748

Orientando(a)

E-Mail:duilia.carvalho@gmail.com

Tel: 53 98408-6900

Data ____/____/____

Anexo

Anexo A – Parecer Consubstanciado 2019

UFPEL - FACULDADE DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE



Continuação do Parecer: 3.335.000

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Conhecer a representação social de homens autores de violência nas relações de intimidade sobre homem, mulher e violência.

Objetivos Secundários:

Verificar os acessos dos homens autores de violência aos serviços de saúde;

Descrever o conceito de masculinidade descrito pelos homens autores de violência;

Averiguar os conceitos de homem e mulher para os homens autores de violência;

Identificar os motivos para agir com violência;

Identificar a ocorrência do uso de substâncias psicoativas por parte dos homens autores de violência;

Elencar os desafios e potencialidades das intervenções grupais/coletivas para homens autores de violência em sua própria perspectiva;

Conhecer a experiência dos homens autores de violência acerca da participação nos grupos reflexivos do NACA;

Criar espaço de vocalização de homens autores de violência;

Facilitar a resignificação da experiência de autoria de violência.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

O estudo não desencadeará riscos físicos, pois não será realizado nenhum procedimento doloroso ou coleta de material biológico. Contudo, como risco para o participante do estudo, a entrevista poderá gerar desconforto ao rememorar situações delicadas vivenciadas no passado e para minimizar o risco as perguntas poderão ser respondidas na totalidade ou em parte, sem prejuízo para o entrevistado, caso seja observado por parte do pesquisador ou explicitado pelo entrevistado a necessidade de atendimento psicológico serão realizadas

orientações sobre os serviços de saúde mental disponíveis no município de Pelotas.

Benefícios:

O benefício direto para os participantes deste estudo será a troca a partir da entrevista e a possibilidade de elaborar respostas a partir de sua escolha e recebendo escuta sigilosa e disponível. Como benefício indireto será a contribuição para construção de conhecimento nessa

Endereço: Gomes Carneiro nº 01 - 2º Andar, Sala 212.

Bairro: Centro

CEP: 96.010-610

UF: RS

Município: PELOTAS

Telefone: (51)3284-3028

E-mail: cepfenupel@gmail.com

Anexo B – Parecer consubstanciado – 2023

FACULDADE DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: A representação social de homens autores de violência nas relações de intimidade sobre homem, mulher e violência.

Pesquisador: DUILIA SEDRES CARVALHO LEMOS

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 13638419.0.0000.5316

Instituição Proponente: Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.585.773

Apresentação do Projeto:

Informações retiradas do Protocolo de Pesquisa, versão 3, do tipo emenda* submetido à Plataforma Brasil em 29 de novembro de 2023. *Trata-se de uma pesquisa qualitativa a ser realizada com homens autores de violência nas relações de intimidade e que tem por objetivo geral conhecer as representações sociais de homens autores de violência sobre homem, mulher e violência. Os dados serão provocados pelo entrevistador na interação. Em nosso plano de coleta incluiremos a interpretação de fotografias como forma de coleta projetiva, entrevista discursiva, e notas de campo. A pesquisa será realizada na cidade de Pelotas/RS com 48 homens que concluíram os grupos reflexivos para autores e violência.*

Objetivo da Pesquisa:

***Objetivo Primário:**

Conhecer a representação social de homens autores de violência nas relações de intimidade sobre homem, mulher e violência.*

***Objetivos Secundários:**

Verificar os acessos dos homens autores de violência aos serviços de saúde;

Descrever o conceito de masculinidade descrito pelos homens autores de violência.

Averiguar os conceitos de homem e mulher para os homens autores de violência.

Endereço: Gomes Carneiro nº 01 – 2º Andar, Sala 212.

Bairro: Centro

CEP: 96.010-610

UF: RS

Município: PELOTAS

Telefone: (51)3264-3822

E-mail: cepfen@ufpel.edu.br

FACULDADE DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE



Continuação do Protocolo: 8.885.773

Identificar os motivos para agir com violência.

Identificar a ocorrência do uso de substâncias psicoativas por parte dos homens autores de violência.

Elencar os desafios e potencialidades das intervenções grupais/coletivas para homens autores de violência em sua própria perspectiva.

Conhecer a experiência dos homens autores de violência acerca da participação nos grupos reflexivos do NACA.

Criar espaço de vocalização de homens autores de violência.

Facilitar a ressignificação da experiência de autoria de violência.”

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: O estudo não desencadeará riscos físicos, pois não será realizado nenhum procedimento doloroso ou coleta de material biológico. Contudo, como risco para o participante do estudo, a entrevista poderá gerar desconforto ao rememorar situações delicadas vivenciadas no passado e para minimizar o risco as perguntas poderão ser respondidas na totalidade ou em parte, sem prejuízo para o entrevistado, caso seja observado por parte do pesquisador ou explicitado pelo entrevistado a necessidade de atendimento psicológico serão realizadas orientações sobre os serviços de saúde mental disponíveis no município de Pelotas.”

Benefícios: O benefício direto para os participantes deste estudo será a troca a partir da entrevista e a possibilidade de elaborar respostas a partir de sua escolha e recebendo escuta sigilosa e disponível. Como benefício indireto será a contribuição para construção de conhecimento nessa área nova ainda no Brasil e que objetiva tornar o trabalho junto aos homens autores de violência mais efetivo e construtivo.”

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um Protocolo de Pesquisa, versão 3, emenda, do tipo Tese de Doutorado, apresentado ao Programa de Pós Graduação em Enfermagem. A Pesquisadora, mediante emenda, informa que irá utilizar dados de prontuários dos homens que participaram da entrevista. A pesquisadora atendeu o solicitado, e o protocolo de pesquisa esta em conformidade com a legislação vigente.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Adequados.

Recomendações:

- Realizar devolutiva dos resultados da pesquisa aos participantes, serviços de saúde e

Endereço: Gomes Carneiro nº 01 - 3ª Andar, Sala 313.

Bairro: Centro

CEP: 96.010-010

UF: RS

Município: PELOTAS

Telefone: (51)3294-3822

E-mail: cepten@ufpel.edu.br

**FACULDADE DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE**



Continuação do Parecer: 6.888.173

comunidade científica.

- Enviar relatório final da pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Enfermagem da UFPel via Plataforma Brasil conforme prevê o item d do artigo XI da Resolução 466/12.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Nenhuma

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_2233114_E1.pdf	29/11/2023 15:44:51		Aceito
Outros	TCUD.doc	29/11/2023 15:44:21	DUILIA SEDRES CARVALHO LEMOS	Aceito
Outros	Carta_de_anuencia.pdf	08/05/2019 11:33:38	DUILIA SEDRES CARVALHO LEMOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoCompleto.docx	02/05/2019 20:48:21	DUILIA SEDRES CARVALHO LEMOS	Aceito
Outros	Rotarioentrevista.docx	02/05/2019 20:41:24	DUILIA SEDRES CARVALHO LEMOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	02/05/2019 20:37:14	DUILIA SEDRES CARVALHO LEMOS	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	02/05/2019 20:33:38	DUILIA SEDRES CARVALHO LEMOS	Aceito
Folha de Rosto	FolhaderoastoDuilia.pdf	02/05/2019 20:31:56	DUILIA SEDRES CARVALHO LEMOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Gomes Carneiro nº 01 - 2º Andar, Sala 212.

Bairro: Centro CEP: 96.015-010

UF: RS Município: PELOTAS

Telefone: (51)2264-3822

E-mail: cepfen@ufpel.edu.br

FACULDADE DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE



Contrato de Prestação de Serviços

PELOTAS, 16 de Dezembro de 2023

Assinado por:
Juliana Graciela Vestena Zilmer
(Coordenador(a))

Endereço: Gomes Carneiro nº 01 - 1ª Andar, Sala 212
Bairro: Centro CEP: 96.010-010
UF: RS Município: PELOTAS E-mail: ospfen@ufpel.edu.br
Telefone: (51) 3264-2622